

ASSIGNATURAS
 ANNO. 20\$000
 SEMESTRE..... 12\$000
 Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escritorio e Officinas
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Tão pobres andavamos de commoções percucientes da indiferença passiva deste nosso admiravel povo soffredor e resignado que os accidentes meteorologicos assumem proporções de novidade e suscitam os mais exdruxulos commentarios.

Asphyxiados nesse ambiente de fogo, como si a cidade fôsse uma abraçada caldeira, de estomagos dilatados pelas cajúadas, pelos refrescos gelados, bebidas frescas de todo o genero, não esquecendo o copito do paraty popular, simples ou amenisado com o colorido opalescente de algumas gottas de *bitter*, de *amer-picon* e outros licores preconizados como aperitivos maravilhosos, estavam a pedir, como o rico do Evangelho, um pingo d'agua que nos aplacasse as entranhas sedentas. A nossa supplica foi ouvida, e do céu brusco, diluido em cinza opulenta, caíu o precioso liquido, não em pingos, mas em torrentes, como si nelle se reproduzisse, lascado em cataractas o formidavel phenomeno instrumento da vingança divina provocada pelas iniquidades humanas.

Uma enorme massa d'agua corren dos montes ingremes, inundou a planicie, lavou as nossas ruas e calçou deliciosamente a columna de mercurio dos nossos thermometros e esse povo, espavorido pelas insolações fulminantes, achou nisso um assumpto adventicio, muito opportuno para reeditar os *clichés* das velhas censuras caducas ao clima do Rio de Janeiro, um clima feróz, onde morrem homens como moscas, a nossa engenharia que não pôde ainda modificar a topographia de Sebastianopolis, nem libertal-a desses riscos deshumanos, transformando-a numa cidade onde a população estivesse perpetuamente immune das coleras do céu, dos terriveis effectos da fatalidade de leis que não são de cêra e molles como essas que o nosso Con-

gresso está fabricando, na azafama dos ultimos arrancos de uma prolongada sessão, consumida em abençoada preguiça.

Seria de um grottesco impagavel censurarem os *lazaroni* de Napoles ao governo e á engenharia daquelle recanto privilegiado das artes e das glorias de uma geração sempre viva nos movimentos do seu esforço colossal e da sua mentalidade prodigiosa, pelo facto de não terem entupido o Vesuvio, pelo crime nefando de consentirem que a cratera assassina perdue ameaçadora com o seu pennacho de fumo a enfeiar a doce payzagem do golpho. Não seria menos caricato para a cultura hodierna dos descendentes de uma raça patricia, clamarem contra outros perigos permanentes da terra onde vibram, como um echo immorreitoiro, as estrophes dos poetas, as vózes dos jurisconsultos, dos scientistas celebrando victorias mundiaes. E esses filhos de heróes, constructores de uma civilisação incomparavel, teriam razão de se chocarem com os perniciosos effectos dos pantanos da Campanha perturbando com calefrios a estupenda impressão das ruinas onde vive a vóz de Cicero, das catacumbas onde murmuram os gemidos e as preces dos martyres.

Os cariócas se comprazem com as suas montanhas, com todos os accidentes dessa *natureza* que é o mimio do seu orgulho, mas se enfurecem quando nas pontas penhascosas dos pincaros emergentes de coxins de florestas densas, se rasgam os enormes odres das nuvens e as torrentes se precipitam em cascatas furiosas a corroerem as encostas verdejantes, a saturarem, a embrejarem o formoso valle da immensa *urbs*.

Essa revolta contra a natureza das coisas, contra os effectos dos processos fataes do laboratorio da atmosphaera onde se transformam, se alliam e se manifestam em deducções terriveis forças indomaveis, destaca o tou-

pueril da versatilidade humana, inconsequente, incontentavel. Nós queremos, para o nosso consumo particular, brisas frescas, sem as violencias dos tufões, agua abundante para prover opulentamente os depositos do nosso abastecimento, irrigar os nossos jardins, tostados pela canicula, as nossas ruas alargadas, aquecidas pela exposiçáo de mais vastas superficies á acção do sol comburente; nós queremos que a cidade, renascida da porcaria colonial, se transforme ao trabalho de uma vastissima colmeia de operarios, suscitando palacios, sumptuosidades que nos encham de orgulho, deslumbrem o estrangeiro e sejam prova intuitiva da nossa cultura, mas sem augmento relativo da estastica dos accidentes do trabalho, sem modificação sensivel das condições nosologicas do nosso meio, do nosso ambiente.

Não tarda ahi se generem saudades das primitivas ruas estreitas, apertadas umas com as outras num amontoadado sujo, escuro, desforme, pela sabia previdencia dos fundadores para evitarem as insolações por meio da sombra amiga projectada pelos edificios em renques, tortuosas de accordo com as variações do percurso do sol pelo nosso flammejante meridiano.

Começam os murmúrios contra as innovações do sr. Lauro Muller, rasgando uma sorberba avenida mortifera sobre os cadaveres immundos da casa-ria podre, contra as caturrices desse Prefeito de ferro, um Prefeito pícareta, que está profanando a veneranda feição da gloriosa cidade erguida pelo risco dos descobridores, deformando-lhe o traço pictoresco de um conjuncto indecifavel de viellas, de beccos, de tripas de pedra e cal, repletas de immundicie humana e rescendendo essa veneranda emanação de seculos mortos, o chulé de um passado que se não banhava, atemorizado pelos resfriamentos, os rheumatismos e as almorreimas.

E vem a prova irrefragavel, erisada de deducções contundentes. Quando desfilavamos pelas ruas sombreadas, ruas que promoviam a intimidade indigena comprimindo, nos estreitos corredoiros escuros e mal ventilados, homens contra homens e tambem contra formosas damas, não tinhamos essas molestias das grandes metropoles, as insolações; os effeitos do calor se limitavam ao excessivo desenvolvimento da transpiração, produzindo esse suor honrado que sempre foi um apanagio dos heróes do trabalho, honesto resignado e soffredor como o dos burros; a nossa legendaria rua do Ouvidor era uma querida maravilha nossa, muito nossa, muito brasileira, um primor de conforto, de hygiene, christmada pela imaginação indigeua de sala de visitas do Brazil e até o nosso canal do Mangue disputava poesia e belleza aos poeticos congeneres de Veneza, com a sua placida lama putrida, deslizando lentamente, como dolorosa recordação do Estyge.

No outro tempo, nunca se viu morrer gente de accidentes de cadeirinha ou de palanquin, ou sob as rodas das esquecidas gondolas e omnibus. Morria meus gente esmagada pelos carros de bois, do que sob os bondes, nas estradas de ferro ou sob esses modernos automoveis, demonios cégos, descabrestados para desasocego da humanidade.

Os nossos amados e sandosos avós se allumiavam com as candeias de azeite do oleo aristocratico de côco ou do popular toucinho de balêa: não necessitava de excavar as ruas, de esburracar paredes e não havia explosões de gaz, nem choques electricos fulminantes a nos enviarem, sem confissão, desta para a vida donde ninguem regressa.

Tinhamos, por desconto dos nossos peccados, algumas molestias ruins — bexica, maleitas, ar do vento (Ave Maria!) estupor, espinhelas caídas, molestia do mundo e tysica, sufficientes para os nossos fóros de cidadãos civilisados, mas não se estava exposto a esse vexame da hygiene, ao desaforo da vaccina obrigatoria, ao attentado dos isolamentos, nem ás fumigações mortíferas de venenos que empestam o lar sagrado, onde todos teem o direito de apodrecer e morrer christãmente. A gente se curava com as me-

ziulhas que Deus nos deu, com as orações fortes, com as promessas aos santos do Paraiso; quando muito, em casos especiaes, se recorria á homœopathia, á feitiçaria ou aos prodigiosos precursores do *caboclo* da Praia Grande.

Não tinham ajuda apparecido os messias da saúde publica com as suas theorias subtis e as novas escolas estapafurdias: não suscitára o demonio o anti-christo Oswaldo Cruz, promovendo a barbara cruzada contra os stegomias, contra os culex e contra as pulgas, companheiros naturaes do homem, seus tradicionaes amigos domesticos, de cama e meza. A imaginação doentia dos sabios não havia ainda penetrado o mundo invisivel; não surgira ainda o fetichismo de Pasteur fauatisando os caçadores de microbios, de micrococus, de hematozarios, clandestiuos agentes de infecções, fabricantes de toxinas contra os quaes se inventou o antidoto dos seruns inoculado no coiro dos iugenuos, como si não fôra uma imprudencia criminosa injectar no corpo humano a molestia, preconizando assim um processo tão absurdo quanto esse de chamar o corisco para dentro de casa a pretexto de preservá-la com o para-raio. Não é preciso, por cumulo da crueldade, transformar as seringas em instrumentos de contagio e de morte; bastaria deixar-nos com os exgottos da City Improvements, com os quaes a ganancia dos capitalistas britannicos emprestaram a cidade, tão salubre nos sandosos tempos do *tigre*.

—Por esse preço — zurra a rotina abalada nos seus carunchosos fundamentos — não valia a pena perturbar os nossos habitos de povo pé de boi. Essa facciosa civilisação derrubando tradições arraigadas, rachando a cidade em amplas avenidas, deu-nos apenas o que tinhamos em proporções discretas, inocuas — luz deslumbrante, demasiado sol, actividade excessiva — factores desses luctuosos desastres que estão, dia a dia, commovendo o terno coração do carióca velho, a estremecer de solicitude pelo sinistro futuro que nos aguarda, si uma medida de salvação publica não puzer cobro aos desmandos dos Passos teríveis, dos Lanro Muller irrequietos, obsecados por esse delirio das grandezas, arrazando e reconstruindo, sob o futilíssimo pretexto de transformar

o Rio de Janeiro numa cidade moderna, clara, ventilada e limpa.

Seria o caso de submeter ao imposto dos 50% ouro essa sumptuaria industria de melhoramentos materiaes, si o Senado tivesse tempo de emendar os orçamentos.

POJUCAN.

Uma supposta theoria nova da historia latino-americana

Resta examinar as duas ultimas partes do livro do ex-director do *Pedagogium* e actual director da Instrucção Publica do Districto Federal. São a 4.^a e 5.^a, intitulada aquella — *Effeitos do parasitismo sobre as novas sociedades*, e a outra — *As novas sociedades*.

São as porções praticas da obra; e o auctor liga-lhes tal importancia que, constando todo o volume de 430 paginas, 316 fôram consagradas a essas duas partes praticas, e 114, apenas, ás tres primeiras, que exercem a funcção theorica no livro.

Por agóra, vejamos — *Os effeitos do parasitismo sobre as novas sociedades*. E' a 4.^a parte.

E' onde bem claro se pôde ver o methodo, o systema que foi seguido na confecção do trabalho. Percebe-se, sem a menor sombra de duvida, ser elle o resultado, não de serios estudos sobre o assumpto, sinão de notas tomadas do acaso de leituras varias, com um pensamento preestabelecido: a these do parasitismo.

Onde Manoel Bomfim encontrava, especialmente nos jornaes, algumas dessas interminaveis divagações liberalisantes, apimentadas e futeis, ia recolhendo no sacco, e assim chegou a formar os tres quartos ultimos de seu libello.

Não lhe escapou quasi nada desse roزاریo de *famosas questiuncululas*, que constituem os themas predilectos dos declamadores de officio. Estado, ensino, orçamento, impostos directos e indirectos, immigração, colonisação, agricultura, trabalho, legislação, codigos, olygarchias estadoaes, espirito conservador, fallia de capacidade de observação, sciencia *livresca*, reformas, educação... e oitenta coisas analogas.

Claro é que não posso acompanhar o nosso escriptor nessas correrias depredadoras através de tão desparatados assumptos. Seria preciso fazer um livro do tamanho de sua *America Latina*.

Mistér é ser sobrio e tocar apenas em quatro ou cinco pontos principaes. Abre esta parte do livro por algumas paginas sobre o *trabalho escravo* na America do Sul. E' tal a má vontade

do auctor, que chega ao ponto de estranhar o facto, vulgarissimo, da *industria caseira ou domestica*, existente em todos os tempos, entre todos os povos, sempre que o *pastoreio*, ou até a *lavoira* — é a occupação absolutamente predominante, e a *industria* propriamente dita, apenas indispensavel aos uzos da familia, não se tem constituido, como organismo a parte, não se tem diferenciado, como força economica autonoma.

«Havia, diz elle, escravos *carpinteiros, ferreiros, pedreiros, alfaiates, sapateiros*. . . escravos tecendo, fiando, plantando. . . Em cada cosinha, havia uma duzia de escravas *doceiras*, outras tantas *assadeiras, queijeiras, biscoiteiras*. . . em cada varanda viviam *bandos de muncanas* (*Tudo isto está horriavelmente exaggerado*); e em redor da casa, ou mesmo sob o tecto conjugal, um *harém de mulatinhas*, todas as *crias puberes*, cujas primicias, pelos costumes da epocha, pertenciam ao *seuhor*. . .» (Pag. 130).

Já tardava esta nota pornographica em o correr dessas paginas, que são um libello, uma verdadeira verrina.

Fallando das familias colonias, notam-se phrases deste jaez: «Em materia de abjecção e crupezas, nada lhes é desconhecido. Não raro, a *Sinhá moça*, creada a *roçar os molecotes*, entrega-se a elles, quando os nervos degenerados acordam em *desejos irrepriuvíveis*; então, intervem a moral paterna: *castra-se, com uma faca mal afada*, o negro ou o mulato, salga-se a ferida, *enterram-no vivo depois*. A rapariga, com um dote reforçado, *casa com um primo pobre*. . .» (Pag. 153).

Não é um estudo; é uma diatribe! . . .

Eu não quero esconder os crimes que se devem ter dado na phase colonial d'America do Sul, e, nomeadamente, os que devem ter manchado as terras brazilicas.

Maiores fôram perpetrados nas colonisações antigas e eguaes são os que ainda hoje occorrem entre todos os povos.

São phenomenos morbidos, desgraçadamente presos á peccaminosa e imperfeita organização humana e social.

Não vejo, porém, onde se possa deparar a vantagem de generalizar, de dar como um facto explicativo e exponecial de uma epocha, a triste occurrencia allegada pelo sr. Bomfim no trecho ultimo citado, misera aventura, que se deve ter dado rarissimas vezes.

A historia não tem por função apanhar essas degradações, essas eruções de esgoto que não esclarecem nem instruem.

O alvo do sr. Bomfim é pintar os povos ibericos como uns perversos e loucos depredadores, sem estimulos moraes de trabalho, incapazes de

mourear por si nos labores da produção, aptos á *parasitação escrava*, e só ella.

Não é a lição que sae do estudo severo dos factos, desde a remotissima epocha dos iberos.

Estudo é este que se tem chegado a reconstruir com as noticias esparsas que se encontram em Strabão, Plinio, Seneca, Columéla e outros, pelo que toca aos antigos tempos; as de Santo Isidoro, Rodrigo de Toledo, Paulo Diacono e varios mais, — no que se refere á idade-média, sendo innumeradas as fontes para os tempos modernos.

Si o sr. Manoel tivesse passado a vista na *Historia de la Economia Politica en España*, de Colmeiro, não se mostraria tão despachado nas suas phantasmagorias parasitistas.

Seria mais comedido e não caíria no delirio de reduzir duas nações, d'alto a baixo, ao papel que lhe approve conceder-lhes.

Na mente do moço escriptor, o viver nas Hespanhas não passou jámais da pandega, de um lado, e da extorção, da razzia, de outro.

Na falta de razões moraes e sociologicas, só por si sufficientes para mostrar a impossibilidade, a olhos vistos, de um tal modo de existir, bastaria o conhecimento do *Forum Judicum*, para evidenciar quão afastada da verdade anda vagabundando a intelligencia de Bomfim.

Allí se encontram, compendiadas, leis relativas á propriedade, ao trabalho, ás terras publicas e particulares, á industria pastoril, ao commercio, aos contractos, que estão todos na mais plangente opposição ás caloticas idéas que depravam as paginas d'*America Latina*.

Não é aqui o logar de fazer, mesmo em larguissimos traços, um quadro do trabalho na peninsula. Basta lembrar o grande desenvolvimento havido na industria pastoril, na pesca, agricultura, e até em a navegação na epocha iberica e celtibera; o avanço extraordinario de todas estas coisas e mais da mineração e da industria textil no periodo phenicio e carthaginez; a normalisação completa de todas estas forças economicas na phrase romana, coisas todas concertadas no tempo dos suévos, godos e arabes. Destes é tão famoso o cuidado prestado á cultura agricola, que é phrase corrente o dizer-se *que reduziram a Hespanha a um jardim*. Facto é este que, sendo interpretado por alguns no sentido de haverem os arabes restaurado a agricultura morta nos tempos dos godos, despertou exame especial dos eruditos, os quaes chegaram a demonstrar o florescimento do cultivo das terras no dominio barbaro, devido, então, a melhor posição das populações ruraes.

Os arabes na Hespanha tiveram o bom senso de conservar, melhorando nalguns pontos, talvez, o que lhes deixaram os godos. A Historia acabou por fazer-lhes justiça.

«Ha sido, escreve Perez Pujol, común la creencia de que los arabes, restauraron entre nosotros el cultivo de la tierra, decaído ó abandonado bajo la dominación suévo-gótica, creencia que tenemos por inexacta en uno y otro extremo. Tierra que cultivar buscaban los invasores al establecerse en las provincias del Imperio; y los más bárbaros entre ellos, los suévos, vándalos y slanos, passadas las primeras prtubarções de la conquista, convirtieron sus espadas en arados, segun la sabida frase de Orosio. Labradores habiam sido los del lado de allá y del lado de acá del Danubio; lo eran en Aquitania desde los tiempos de Walia; y cuando deseosos recibian bajo Teodorico II á Avito, como embajador de paz, exclamaba uno de sus guerreros: *Perit bellum, date sursum aratra*. No fué, por tanto, la invasión, no pudo ser causa de decadencia para la agricultura; debió serlo de relativo adelanto, pues que, como acabamos de ver, trajo al cultivo nuevas clases libres que se aprovecharon de los mecanismos y de los procedimientos romanos.» Op. cit., IV pag. 367.

De tudo se evidencia que uem os romanos, cujo systema economico passou aos godos, nem estes, que desenvolveram a herança recebida, nem os arabes, que se mostraram dignos successores, neste ponto, de seus adversarios, reduziram a Hespanha a essa *officina latronum* que tripudiava, em allucinada visão, deante de Manoel Bomfim.

A gente germanica, especialmente, devia merecer uma pouca mais de attenção da parte do moço pedagogo; porque o systema, nunca desmentido em tempo algum e em paiz algum do mundo, dessa raça insigne foi o de conservar as boas instituições que se lhes depararam. Em tudo se nota essa tendencia, na Hespanha ou na Africa, na Gallia ou na Britannia.

Fallando de Vianna do Castello, escreve o erudito José Caldas: «Pela sua parte, os conquistadores, que se seguiram ao dominio romano, *suévos e visigodos, não destruindo os costumes, nem alterando as linhas de demarcação de sua propriedade rural*, não imprimiram nenhuma outra designação especial ao obscuro villar gallego». (*Historia de um fogo morto*, pag. 31.)

Casos houve em que a dominação arabe é que foi desastrada e Vianna foi um desses, e, por isso, accrescenta o severo escriptor: «A queda, decadencia e total ruina da *villa de Atrio* não póde, portanto, ser attribuida

sinão á epocha da dominação sarracena, accentuando-se-lhe o *fogo-morto* desde Musa (khalifado de Al-walid) até ás incursões de Mohamed (Al-manssor).

Este e outros factos analogos são, porém, pouco abundantes na península: a regra foi, quando não o progresso, a conservação do *statu-quo* durante o dominio arabe. O mesmo não foi o caso na antiga provincia romana da Africa. Alli, devido, talvez, á immensa pressão *berbere*, provinda das populações fronteiriças do deserto, que se misturavam aos arabes, o dominio destes foi verdadeiramente desastrado e opposto ao dos *vandalos*, geralmente apontados como selvagens canibalescos pela ignorancia togada dos auctores de *Americas Latinas*.

O primoroso Gaston Boissier, tratando das magnificas obras hydraulicas dos romanos, que transformaram sua *Provincia Africana* num paraíso, escreve, com referencia aos regulamentos determinadores da distribuição das agnas: « Ils existaient sans doute encore *du temps des vandales*, qui, *comme tons les germains*, conserverent l'administration des anciens maîtres du pays. Ce sont les arabes qui ont tout laissé férir ». (*L'Afrique Romaine*, pag. 140.)

Muito haveria a dizer ácerca do trabalho desde os mais remotos tempos nas Hespanhas, — já adverti — no intuito de provar a inexistencia alli do parasitismo bomfinico em todas as epochas e até na phrase da reconquista, que, depois de oitenta a noventa annos, libertou todo o norte da península de mar a mar e estabeleceu o regimen normal da vida.

Muito haveria a dizer; mas o pouco, que já ficou lembrado, parece sufficiente para desvendar as exaggerações de Bomfim, sobre as depredações ibéricas na America. Urge examinar outro ponto, que, aliás, se prende ao precedente. E' o que se refere ao estado em que os povos ibericos deixaram suas colonias da America, especialmente o Brazil. Tal estado, no entender do moço escriptor, era do mais completo atrazo, da mais accentuada miseria, miseria economica, miseria politica, miseria intellectual, miseria moral.

Escreve, falando da America do Sul em geral: « Eis a razão por que, exanime, embrutecida, a America do Sul, na hora da Independencia, como um mundo onde tudo estava por fazer: eram uns vinte milhões de homens, desunidos, *assanhados* (?), pobres, espalhados por estas vastidões, tendo noticia de que existe civilização, padecendo todos os desejos de possuil-a, mas carecendo refazer toda a vida social, politica e intellectual, a começar pela educação do trabalho

e pela instrucção do *abc* ». (Pag. 143). Estas linhas encerram um desmedido exaggero. O auctor, é claro, força a nota para ter o prazer de mostrar provada sua these do parasitismo depre-dador.

Sem sair da litteratura brazileira, existem noticias do contrario.

O general Abreu e Lima, o famoso *general das massas*, que teve a honra de combater sob as ordens de Bolivar, e foi um esforçado auxiliar da independencia de Venezuela, Colombia, Equador, Bolivia e Perú, no seu *Ensaio politico, economico, social e litterario do Brazil*, traz bellas referencias ao florescimento daquellas gentes, mui em desaccordo dos dizeres do sr. Bomfim.

Havia alli, nas primeiras décadas do seculo XIX, grande desenvolvimento espirital e material, homens de grande valor e riquezas dignas de menção. E tudo aquillo não foi obra de um dia. Desde os começos do seculo XVI, os hespanhóes iniciaram, em suas colonias, um movimento cultural de incontestavel valor.

Varuhagen vem em apoio de Abreu e Lima. « A Hespanha não tinha Africa, nem Asias: — as suas Indias eram só as occidentaes. Do territorio hispano não havia já mouros que expulsar, e ás Indias tinham de passar os que queriam ganhar gloria. Assim, enquanto Camões combatia em Africa, e se inspirava em uma ilha dos mares da China, Ercilla, soldado hespanhol no Occidente, deixava gravada uma oitava sua no archipelago de Chilóe; e, quando os *Lusiadas* viam a luz, (1572), havia já tres annos que corria impressa a 1ª parte da *Aran-cania*. Os passos de Ercilla eram no Chile seguidos por Diego de Santistevan Osorio e Pedro d'Oña, já filio da America, que, em 1605, publicou em dezenove cantos o seu *Aranco Domado*.

Já então se tinha organizado em Lima uma *Academia Antartica*, e havia na mesma cidade uma typographia, na qual em 1602 Diogo d'Avalos y Figueroa imprimiu a sua *Miscelanea Austral y Defensa de Damas*, obra que faz lembrar a *Miscelanea Antartica y origen de Indios*, que o presbytero Miguel Cabello Balboa deixou manuscrita.

Da mencionada *Academia Antartica* nos transmite em 1608 os nomes de muitos socios a introducção, feita por uma senhora, ás Epistolas de Ovidio por Pero Mexia. Ahi se mencionam, como mais distinctos arcades, Mexia e os mencionados Oña, Cabello e Duarte Fernandes. Por esse tempo, compunha tambem fr. Diego de Hojeda a sua epica *Christiada*, publicada em 1611, e Fernando Alvares de Toledo o seu *Puren Indomito*, que nunca se imprimiu. A regularmo-nos pelos tons dos

cantos do berço, estes montuosos paizes da America Occidental deveriam ter que representar um importante papel no desenvolvimento futuro da litteratura americana.

O Mexico não deivava tambem de participar do estro iberico; mas aqui com ar de conquistador, e não com fórmas nacionaes, como no Chile, onde o proprio poeta soldado é o primeiro não só a confessar mas até a exaltar generosamente as proezas do mesmo Arauco, que combatia com armas.

Com o titulo de elegias, canta Juan de Castelhanos, em milhares de fluentes oitavas, a historia dos hespanhóes, que desde Colombo mais se illustraram na America.

Gabriel Lasso (1588) e Antonio Saavedra imaginaram epopéas a Cortez.

O pequeno poema *Grandeza Mexicana*, publicado no Mexico em 1604 pelo ao depois bispo Balbuena, auctor da epopéa — *El Bernardo* — é, apesar de suas hyperboles e exaggerações sempre poeticas, o primeiro trecho de boa poesia que produziu a vista desse bello paiz.

Força é confessar que a obra de Balbuena é, de todas as que temos mencionado, a que mais abunda em scenas descriptivas, por se liaver elle inspirado, mais que todos os outros, de um dos grandes elementos, que deve entrar em toda a elevada poesia americana, a magestade de suas scenas nnturaes. Todos os demais poetas queriam ser demasiado historiadores, no que caíu algum tanto o proprio Ercilla, e muito mais outros que chegam a ter a sinceridade de assim o declarar. Deste numero, foi Saavedra e o capitão Gaspar de Villagra, que em 1610 publicou em Alcalá a sua — *Historia de la Nueva (sic) Mexico* — e nesta descreve os feitos do Aviantado Oña-te e seus companheiros.

Mais poeta nos parece que seria o padre Rodrigo de Valdez, de quem possuímos a *Fundação de Lima*; mas infelizmente escripto em quadras, que deviam ser a um tempo hespanholas e latinhas, é, ás vezes, obscuro; e, com mira de fazer heroico o pauegyrico, o deixa apparecer antes, a trechos, demasiado empolado.

Buenos Ayres occupou as atencões de Martin del Barco Contenera. Mas a *Argentina* é tambem mais uma dessas historias em verso que um poema. (*Florilegio*, I, pag. XII).

O grande historiador se refere apenas aos primeiros tempos da colonização: fins do seculo XVI e começo do XVII e só se reporta ao movimento litterario. Mas por ahi se está a ver que não foi só de rapiuas que cogitaram os hespanhóes na America. Escolas, academias, universidades crearam

elles nas colonias, e desde os primeiros tempos.

Pelo que toca aos interesses materiaes, basta ver as cidades que fundaram, as explorações agricolas que estabeleceram, os arduos trabalhos de mineração que multiplicaram, as magnificas estradas de rodagem que abriram, para ver quão longe da verdade correu as idéas do sr. Bomfim.

Não é mistér esconder as durezas da administração colonial hespanhola, para se fazer justiça áquella nação. Passados os primeiros periodos de luctas e desvarios, abriram-se epochas de innegavel fulgor. O reinado de Carlos III foi uma dessas.

Em 1764, estabeleceram-se communicações directas e mensaes da America para a Europa, com o intuito de attender ás reclamações das colonias e introduzir nellas as refórmas mais urgentes e mais uteis.

Em 1765, o commercio livre foi concedido ás Antilhas.

Numerosos melhoramentos fôrão introduzidos em todas as colouias e os encargos impostos aos povos diminuidos.

E como a experiencia do livre cambio tivesse surtido excellentes resultados nas Antilhas, em 1778 fôrão as mesmas medidas applicadas ás colonias do continente. Os portos do Perú e da Nova-Hespanha fôrão abertos e não se fez demorar o immenso impulso de prosperidade geral.

Resultou dali, accrescenta Buckle, de quem tomei a nota destes factos, uma reacção tão rapida sobre a metropole, que o seu commercio, como por encanto, progrediu por tal arte que a importação e a exportação attingiram a uma cifra que ultrapassou a espectativa dos proprios auctores da refórma. A exportação de generos estrangeiros triplicou, a dos productos da metropole quintuplicou e a cifra das importações da America se multiplicou por nove. (*History of Civilization in England*, II, pag. 557.)

Por tudo isto, está a entrar pelos olhos que o atrazo da America hespanhola não era, não podia ser tão profundo quanto o supõe o illustre Manoel.

Mais grosseiro ainda é o erro pelo que toca ao Brazil.

«Como fructo de 300 annos de trabalho, restavam: engenhocas, casebres, egrejas, santos, monjolos e almanjarras, bois minusculos, de mais chifres do que carnes, cavallos anões e ossudos, carneiros sem preço, estradas intransitaveis». (Pag. 141).

Era um verdadeiro estado de degradação; o paiz se encontrava subvertido e abjecto, como qualquer sertão africano de Angola ha duzentos annos atraz.

Será mistér provar o contrario com factos e documentos?

O Brazil da ultima década do seculo XVIII e das duas primeiras do seculo XIX não podia ser isso que espalha o sr. Bomfim.

Pelo que toca ao lado espirital, bastante é ponderar que seria um impossivel a olhos vistos ser tauta a treva numa terra e numa gente que possuia, então, os mais elevados espiritos de nossa raça: Rodrigues Ferreira, José Bonifacio, Vieira Couto, Velloso de Miranda, Conceição Velloso, Arruda Camara, Bittencourt e Sá, Cayrú, Azeredo Coitinho e outros cincoenta.

Deante desta pleiade, Oliveira Martins, nos seus momentos de bom senso e culto á verdade, exclamava: brasileiros eram os primeiros sabios portuguezes de fins do seculo XVIII.

Confissões destas, é que o auctor da *America Latina* devia repetir no seu livro.

Mas dispensavel é ir adeante, porque o proprio auctor se encarrega de refutar-se, paginas adeante, caíndo na mais palmar das contradicções.

Esse Brazil desgraçado, mergulhado na ignorancia e na miseria, cheio de engenhocas e bois chifrudos, monjolos e almanjarras na epocha, de sua Independencia, apparece, ueste tempo e até antes, fortemente feito, constituido, organizado, como um grande povo.

Leiam: «O Brazil apresentava desde muito tempo os elementos constitucionaes de uma nacionalidade (*Pois admira!*...) as idéas de liberdade andavam por toda a parte; a colonia era forte de mais, e Portugal, decrepito, era a sombra, apenas, de uma grandeza passada e ephemera... Em verdade, será bem difficil dizer em que momento justo (!) o Brazil começou a sua independencia. Era colonia, sem nenhum valor em face da metropole; com o tempo, foi crescendo, crescendo, crescendo. (*E poderia crescer tanto assim no meio de tamanhas depredações parasitarias?*) e, um bello dia, verificaram todos que alli estava uma nacionalidade, formada, vigorosa, e prompta a fazer-se inteiramente *senhora de seus destinos...*» (Pag. 258).

Admiravel, por ser até quasi miraculoso, é que o terrivel parasitismo da metropole, com suas ladroeiras, suas depredações, seus crimes, seus despotismos, dêsse em resultado esse *povo vigoroso, senhor de seus destinos, prospero, independente de facto* de ha muito. Admira.

Mas, quando falla a verdade o engenheiro Manoel? quando pinta esse guapo Brazil, feito, adeantado? ou quando descreve o Brazil mendigo das engenhocas, dos bois chifrudos e dos carneiros sem preço? Quando?

SYLVIO ROMÉRO.

BOCAGE E SUA OBRA

*Ave da morte, que piando agouros
Tingis meus ares de funereo luto!
Ave da morte que em leus ais escuto
Meus dias murchardas, mas não meus louros.*

BOCAGE. — *Poesias*, ed. de 1853, t. I, soneto n. 88.

Num humilde casebre de obscura travessa de Lisbôa, ás dez horas e um quarto da noite de 21 de dezembro de 1805, fallecia, assistido pela sua dedicada irmã, Maria Francisca, e nos braços do celebre José Agostinho de Macedo, um dos maiores poetas de Portugal no seculo XVIII, Manoel Maria Barbosa de Bocage, o *Elmano Sadino* da *Nova Arcadia*, o *Bocage* dos botequins e cafés, o popular *Elmano*.

Contava apenas quarenta annos, e, durante a sua tão curta quanto accidentada vida, legára á patria uma fortuna poetica, cujo valor justifica a glorificação do centenário da sua morte.

Nascera em Setubal a 15 de setembro de 1765, numa familia em que brilhavam as faculdades poeticas. Seu pae, o magistrado José Luiz Soares Barbosa, «muito conhecido pela inclinação e tendencia que teve para a poesia,» (1) compunha satyras estimaveis, e sua mãe, d. Marianna Joaquina Xavier de Bocage, era filha de um sobrinho de d. Thereza l'Hedois du Bocage, poetisa franceza, auctora de um poema sobre a descoberta da America, a *Columbiada*, cujo canto I foi depois traduzido por Bocage, o qual, em nota, diz *ter gloria em pertencer á familia da illustre dama.* (2)

Estes talentos poeticos dos antepassados se transmitiram aos filhos de Soares Barbosa: d. Maria Francisca, diz Conto, versejava bem; Gil Francisco, accrescenta Theophilo Braga, era um agradável poeta; uma familia de poetas emfim. Entretanto, o que reuniu as qualidades de um verdadeiro artista da palavra, de um notavel poeta nacional, foi Manoel Maria Barbosa de Bocage, o mais moço dos filhos varões. Só elle eternisou a fama da distincta familia; só elle conserva o glorioso nome de Bocage.

Desde a infancia manifestou-se-lhe o estro. Com oito annos apenas, escreveu esta interessante quadra, que já annunciava o seu genio satyrico, a proposito do passeio que déra de Setubal a Lisbôa para vêr a procissão da Cinza, que saía do convento de S. Francisco da Cidade:

Fui vêr a Procissão a S. Francisco,
A quem o vulgo chama da Cidade,
E, supposto o apertão, foi raridade
Que indo em carne, não viesse em cisco.

Educado pelos proprios paes sob o ascendente materno, com elles appren-

dendo, até os dez annos, primeiras lettras e fraucez, continuou, fóra da familia, seus estudos de humanidades, quando, naquella idade, «a morte devonante lhe roubou da terna mãe o doce agrado».

Aos quatorze annos, abandonando rapidamente os estudos, entre os quaes figurava como principal, o latim, a disciplina favorita da epocha, assentou praça de cadete em Setubal e, dois annos depois, em 1781, vindo para Lisbôa, matriculou-se na Academia Real de Marinha, creada recentemente, em 1779.

De 1781 a 1786, dos dezeseis aos vinte e um annos, toda a adolescencia, Bocage passou em Lisbôa uma vida desordenada, mal repartindo o tempo entre as suas funcções militares, os estudos scientificos e a peraltice da côrte. Dahi resultou que a sua educação technica e scientifica falharam. Mais tarde, defendendo-se das accusações de Curvo Semedo acerca do seu valor poetico, confessava indirectamente a sua ignorancia na sciencia. «Se um genio philosophico e desprezador dos bens moraes, escrevia elle, o desviou do caminho em que podia prosperar; se o *estudo mathematico lhe pareceu agro*; se avesado ás flores da philologia não se resolveu a contemplar *os espinhos da Algebra* e o engolfar nas *Sciencias seccas e abstractas* um intellecto propenso a idéas agradaveis e ferteis; se enfim lhe faltou para alli, a inclinação e o dom, que a Natureza, geralmente falando, confere a cada um para alguma sciencia ou arte; collige-se disto que Bocage é inhabil para a Poesia, dom muito mais natural do que todos os outros, e que tem trilhado espiritos destituidos de cultura?» (3)

São dessa epocha os seus aventureiros amores, celebrados, em estrophes brillhantes, com os mais variados e exquisitos nomes femininos: Marfidas, Anardas, Tirsalias, Elmiras, Urselinas, Jonias e mil outras. No alluvião das multiplas inspiradoras, talvez uma fôsse alvo de verdadeiro affecto: Anna Gertrudes Marrecos, uma joven de Santarem, que, muitos annos depois, repetia de cór as poesias que ouvira Bocage recitar. A essa moça fôram consagrados os melhores dos primeiros versos do poeta, que lhe chamava *Gertruria*.

Foi para gauhar honra e fama, e ser digno de Gertruria, imitando tambem Camões, a cuja memoria dedicava um justo e merecido culto, que Bocage conseguiu ser despachado para a India, deixando Lisbôa em 14 de abril de 1786. Partindo, escreveu a celebre e famosa canção de despedida onde justifica a sua viagem pelo desejo de vêr os logares dos grandes feitos portuguezes, ganhar louros, visitar as

terras em que vivem Camões e merecer a affeição da decantada Gertruria.

Os mares vou talhar, cujos furores
Descreve o gram Camões, por quem de amo- [res]

Inda as Musas suspiram;
Aquelles mares onde os Gamas viram
Do rebelde, horrendissimo Gigante,
Os negros labios, o feroz semblante.

Quer a sorte, propicia ao meu dezejo,
Manda-me a hora, cujas aras beijo,
Que com fervido brio
Contemple os muros da invencivel Dio,
Donde ó Silveiras, Mascarenhas, Castros,
Foi soar vossa fama além dos astros.

Nos climas, onde mais do que na historia
Vive dos Albuquerque a Memoria,
Nos climas, onde a guerra
Heróes eternizou da lysis terra,
Vou vêr, se acaso o meu destino agrada
Dar-me vida feliz ou morte hourada.

Suffocai vossa dôr, porque os gemidos
Só ás desgraças é que são devidos,
E, apesar da ternura,
Considerai, que he solida ventura
Seguir de altos varões o illustre exemplo:
Por espinhos se vai da gloria ao templo.

Adeus, socios fieis; e tu, querida,
Cujos olhos nesta alma, á tua unida,
O primeiro empregarão
Amoroso farpão, que dispararão,
Abafa os tristes, candidos suspiros,
Com que me vibras perigosos tiros.

Por entre a chuva de mortaes peloiros
A núa fronte enriquecer de loiros
Eu procuro, eu dezejo
Para tens mimos desfructar sem pejo,
Pois quem deste esplendor se não guarnece,
Não é digno de ti, não te merece. (3)

Durante quatro annos, de 1786 a 1790, permaneceu no Oriente, passando as mais crueis vicissitudes. Si em Lisbôa a existencia já lhe era uma constante desordem, para que muito concorria a popularidade dos seus improvisos, na India os mesmos motivos, agravados ainda pelo duplo vicio que adquirira em viagem, o abuso do tabaco e do alcool, faziam-na mais indisciplinada e anarchica; o poeta se tornára mais infeliz physica e moralmente. Desengauado de Gôa, onde primeiro aportára e em cuja sociedade o seu temperamento irrequieto não se podia adaptar, seguiu para Damão, donde saíu como desertor da guarnição militar a que pertencia, e foi mendigando até Macáo, passando por Surrate. Nesta perigrinação assistiu primeiro, em Gôa, a *Conspiração dos Pintos*, de que ia sendo victima, satyrisou os costumes dos naturaes, inspirando-lhes justa antipathia, metten-se em amores varios, esquecendo breve a celebrada Gertruria, e depois, em Surrate, apaixonou-se por uma famosa adultera, a Manteigui, a quem, no começo, consagrou affectuosos versos e, mais tarde, diffamou numa satyra obscena. Indo para Macáo, naufragou, como Camões, e, chegando afinal áquella cidade, onde o grande

epico escreveu parte do seu immortal poema, escreveu tambem, entre outros, este admiravel soneto, diguo do genio que o inspirou e do talento de quem o compoz:

Camões, grande Camões, quão semelhante
Acho teu fado ao meu, quando os cotejo!
Igual causa nos fez, perdendo o Tejo,
Arrostar com o sacrilego gigante.

Como tu, junto ao Ganges susurrante,
Da penuria cruel no horror me vejo,
Como tu, gostos vãos, que em vão dezejo
Tambem carpindo estou, saudoso amante.

Ludibrio, como tu, da sorte dura,
Meu fim demandando ao céu pela certeza
De que só terei paz na sepultua.

Modelo meu tu és, mas... ó tristeza!
Se te imito nos transes da ventura,
Não te imito nos dons da natureza. (4)

Doente, desanimado, mais viciado que nunca, Bocage voltou a Lisbôa em 1790. Não conseguiu honra e fama e esqueceu Gertruria. O alcool já manifestára-lhe no organismo os seus perniciosos effectos.

Sem meios que lhe mantivessem a existencia, vivendo a custa da generosidade de amigos, que lhe davam casa e alimento, Bocage, no emtanto, entregou-se ás lides litterarias, tornando-se famoso pelo brilho extraordinario dos seus improvisos. A popularidade que adquiriu adolescente cresceu na mocidade. O seu estro agóra mais vivo, mais scintillante, inspirava paixões momentaneas que cantava em versos, e amigos que o admiravam e estimavam, franqueando-lhe a bolsa. A estes «pagava em metro o que lhe davam em ouro».

E' nesse periodo que se travam as luctas calorosas entre elle e a *Nova Arcadia*, donde afinal foi expulso em 1794.

Engenho superior aos do seu tempo, organização intrinsecamente poetica, mas asphyxiado num meio que, viciando-lhe o coração, lhe perturbava o espirito, tornando-o incapaz de conseguir o fim a que porventura estava destinado, qual o de continuar o periodo aureo da litteratura portugueza, pelo rompimento com o academicismo dos Arcades, Bocage reconhecia a sua superioridade real e não deixava de publical-a vaidosamente, certo de que seria immortal. Esta hypertrophia da personalidade, devida, em grande parte, á superexcitação alcoolica, açulava o animo dos rivaes, que acremente lhe ridicularisavam a desmedida vaidade. A conducta, enormemente desregrada, o desrespeito com que tratava a arte, pondo-a em serviço de frivolos galanteios e satyras obscenas, e ainda a inveja dos que não podiam hobrear com Elmano pelo valor do seu real talento, fôram os principaes motivos da lucta que degenerou num torneio de pungentes insultos, em que cada qual procurou amesquinhar melhor seu con-

tendor. Com excepção de uns sete amigos, os Arcades todos fôram victimas de satyras tremendas, especialmente o padre Souza Caldas, Curvo Semedo e José Agostinho de Macedo. Posteriormente, quando se havia arrefecido a lucta, vibrou os versos flamejantes da *Penha de Talião*, improvisados no *Botequim das Parras*, contra criticas ferinas que lhe fez o celebre ex-frade, como Bocage lhe chamava. Desta satyra celebre ficaram populares os versos finais, particularmente o ultimo :

As oitavas ao Gama esconde embóra
Nisso não perdes tu nem perde o mundo.
Mas venha o mais ; epistolas, sonetos,
Odes, canções, metamorphoses, tudo ;
Na frente pôe teu nome, estou viugado. (5)

O genio satyrico do poeta, desenvolvido extraordinariamente nesta contenda, não perdoou a sua propria pessoa. São talvez desse tempo os espirituosos versos com que fez o seu retrato e epitaphio :

Magro, de olhos azues, carão moreno,
Bem servido de pés, meão na altura,
Triste de facha, o mesmo de figura,
Nariz alto no meio, e não pequeno ;

Incapaz de assistir num só terreno,
Mais propenso ao furor do que á ternura,
Bebendo em niveas mãos por taça escura
De zelos infernaes lethral veneno ;

Devoto incensador de mil deidades
(Digo de moças mil) num só momento,
Inimigo de hypocritas e frades ;

Eis Bocage, em quem luz algum talento :
Safram delle mesmo estas verdades
Num dia em que se achou mais pachor-
[rento. (6)

*

Quando em mim lá perder a humanidade
Mais um daquelles, que não fazem falta,
Verbi gratia — o theologo, o peralta,
Algum duque, ou marquez, ou conde, ou
[frade ;

Não quero funeral comunidade,
Que engrole *sub-venites* em voz alta ;
Pingados gatarrões, gente da malta,
Eu tambem vos dispenso a caridade.

Mas quando ferrugenta enchada idosa
Sepulcro me cavar em ermo outeiro,
Lavre-me este epitaphio mão piedosa :

«Aqui dorme Bocage, o gandaeiro,
Passou vida folgada e milagrosa,
Comeu, bebeu, gozou sem ter dinheiro.» (7)

A revolta contra a *Nova Arcadia* não deixa de exprimir uma qualidade superior do espirito de Bocage, repellido a influencia nociva do academicismo, o jugo de uma corporação retroçada que só lhe poderia abater o entusiasmo, reter-lhe o impetuoso estro. Si os seus versos ainda se resentem de defeitos, de certa preciosidade, é porque não se pôde libertar completamente daquella influencia.

Foi no ardor da lucta contra os Arcades, em 1793, que uma grave enfermidade, retendo-o em casa de um

amigo e consocio, Antonio Bersane Leite, o *Anelio*, concorreu fortuitamente para inspirar-lhe um outro amor, que, no dizer de Th. Braga, foi a grande affeição de sua vida. Chamava-se a nova eleita, Maria Vicencia Bersane Leite ; é a *Marcia* das suas melhores lyras. Foi um amor sem esperança, que a mãe da joven requestada se oppoz ao consorcio pelas qualidades moraes e a situação material do infeliz enamorado. Entretanto, parece que sempre entre elles existiu forte amizade e o amor da senhorita jámais arrefeceu. Quando Bocage morria, ella foi vel-o e deu-lhe as despedidas que elle tanto ambicionára, desde que o seu amor, transformado em adoração, lhe pedira um «derradeiro osculo dulcissimo e piedoso.» O poeta, nas vascas da agonia, retribuiu-lh'o com este melancolico e bello soneto :

Comtigo alma suave, alma formosa,
Celeste imagem, de que o céu me priva,
Que eu vivesse não quiz ; não quer que eu
[viva
Lei (sendo etherea !) ao coração peenosa.

Vendo sumir-me por Morada umbrosa,
Ah ! não desmaies, a constancia aviva ;
E por artes de Amor, de Amor, oh Diva,
Do não gozado amante os manes goza.

Mais doce orvalho de teus olhos desça,
A (linda como tu) melhor das flôres,
Que em torno a campã se abotõe e cresça.

Passêa entre os meninos voadores,
Une a Mãe aos Filhinhos, e pareça
Da Morte a solidão jardim de Amores. (8)

Quando ainda acalentava a esperança de ser o esposo de Marcia, mais uma desgraça veiu surprehendel-o, levando-o ao carcere.

Embóra sem o ardor social que caracteriza os verdadeiros genios, os grandes philosophos, como os grandes poetas, os eleitos da sciencia ou da industria, desprovido da cultura do seculo dos Encyclopedistas, quasi ou totalmente desconhecida em Portugal, onde dominava uma dupla tyrania politica e religiosa, Bocage tinha aspirações liberaes e condemnava absolutamente a influencia clerical, como verberava os habitos academicos e satysaria mais tarde o pedantismo medico. Era um espirito não vulgar que se tornaria, talvez, um verdadeiro fillo do grande seculo si tivesse nascido em França.

O poeta surgiu numa epoca de verdadeiro terror, de um *terror branco*, como o chamaram depois. A preocupação da realza, aliada ao clero degenerado, era evitar que o *philosophismo* e as *idéas francezas* penetrassem no Reino e realisassem as reformas liberaes que, no meio da maior das tormentas revolucionarias, a França conseguia e espalhava pelo Occidente inteiro.

Dirigia a reacção anti-liberal, o famoso Intendente de Policia, Diogo de Pina Manique, que exercen o odioso cargo durante toda a vida de Bocage, vindo a fallecer no mesmo anno que o poeta.

Os livros enviados da França eram examinados minuciosamente na Alfandega e queimados pelo carrasco na praça publica, si tratassem de doutrina contraria aos reis e ao clero. A espionagem dos *Moscas* invadia tudo, e o terrivel Intendente enchia os segredos do Limoeiro e os carceres da Inquisição com os pretendidos criminosos de lesa-magestade ou de heresia.

Os vultos mais eminentes de Portugal naquella epoca, eram obrigados a emigrar. O abbade Corrêa da Serra, o padre Theodoro de Alueida seguiram Francisco Manoel do Nascimento no exodo fatal, preferido ás perseguições da policia. No meio, porém, dessa vexatoria situação, o povo expandia-se, ás vezes, cantando cantigas revolucionarias, originaes ou traduzidas, como o *Ca ira*, e grupos diversos discretamente se formavam nos botequins, conversando e discutindo, apreciando e applaudindo os successos da Revolução Franceza.

O *Botequim do Nicola* e mais tarde o *Botequim das Parras* fôram centros das expansões revolucionarias contra o absolutismo reinante. Essas e outras reuniões constituíram os primordios da revolução de 1820. Nasceram nesses conciliabulos as primeiras idéas que em França já tinham amadurecido, havia quasi um seculo. Como centros suspeitos á espionagem da famigerada policia de Manique, eram consideradas taes reuniões de intellectuaes, que diziam versos, conversavam sobre politica, contavam anedoctas, glosavam motes e colcheias, superexcitados quasi sempre pelo traiçoeiro veneno alcoolico. Em o numero delles figurava Bocage, e a todos sobresaía em vivacidade de espirito, rapidez e brilho da improvisação, na mordacidade das pilherias e até na absorpção do alcool. Dominava o cenaculo da loja do Nicola, e depois o chamado *Agulheiro dos Sabios* do *Botequim das Parras*. Era, portanto, um suspeito á policia de Manique. Mas a suspeição só se tornou effectiva, quando se inimizou com os socios da *Nova Arcadia*, della foi expulso, e naturalmente denunciado pelos seus ex-confrades como sedicioso pregador das *idéas francezas*. Realmente Bocage applaudia a quêda do despotismo e celebrava o puro deismo revolucionario. No soneto *Aspirações ao liberalismo* e na epistola *Verdades duras*, que começa pelo famoso verso : «Pavorosa illusão da eternidade», o poeta mostra momentaneamente a sua incompleta emancipação politica e religiosa.

Liberdade, onde estás? Quem te demora?
Quem faz que o teu influxo em nós não cáia?
Porque (triste de mim!) porque não raia
Só na esphera de Lysia a tua aurora?

Da santa redempção é vinda a hora
A esta parte do mundo que desmaia;
Oh! venha... oh! venha, e tremulo descaia
Despotismo feróz que nos devora!

Eia! accode ao mortal, que frio e mudo
Occulta o patrio amor, torce a vontade
E em fingir, por temor, empenha o estudo.

Movam nossos grillhões tua piedade;
Nosso numen és tu, e gloria, e tudo,
Mãe do genio e prazer, oh Liberdade! (9)

Por este soneto, escripto em 1797,
Bocage tradúz os seus sentimentos de
bom republicano, approvando o golpe
de Estado de 18 de Fructidor, com
que a Republica franceza se teria de
facto consolidado si um Hoche e não
Bonaparte se tivesse apossado do Di-
rectorio.

Na celebre epistola, revolta-se con-
tra o deus vingativo pregado pelos
padres e frades, e quasi presente uma
divindade puramente humana, quando diz

Ha Deus, mas Deus de paz, Deus de piedade,
Deus de amor, pae dos homens não flagello
e emancipa-se, de todo, nos ultimos
versos:

Amar é um dever além de um gosto,
Uma necessidade, não um crime,
Quaes a impostura horrisona apregôa.
Céos não existem, não existe inferno,
O premio da virtude é a virtude,
E' castigo do vicio o proprio vicio. (10)

Presentindo que á dictadura militar,
que devia substituir o Directorio,
cumpriria evitar qualquer retrogra-
dação, celebra aquelle a quem desgra-
çadamente coube a honrosa funcção,
chamando-lhe o novo redemptor da
natureza.

Quando o intruso corso invadiu os
Estados do Papa, no pontificado de
Pio VI, mais uma vez manifestou as
suas iras anticlericaes no sarcastico
soneto:

Tendo o terrivel Bonaparte á vista,
Novo Annibal, que esfalfa a vóz da Fama,
— Oh! ennuchos-herões! (aos seus exclama
Purpureo fanfarrão, papal-sacrista):

O progresso estorvae da atróz conquista
Que da Philosophia o mal derrama!...
Disse; e em fervido som saúda e chama
Santos, surdos varões, por sacra lista.

Delles em vão rogando um pio arrojo,
Convulso o rosto, as faces amarellas,
Cede triste victoria, que faz nojo!

O rapido francez váe-lhe ás canellas;
Dá, fere, mata; ficam-lhe em despojo
Reliquias, bullas, mitras, bagatellas. (11)

Estas publicações, alliadas ás suas
francas conversas na loja do Nicola e
á denuncia dos Zoilos, como chamava
os adversarios nas letras, os Arcades,
levaram-no ás garras de Manique.
Prevenido em tempo, quiz fugir, mas

foi preso a bordo do navio que o devia
conduzir a Bahia, e levado para o
segredo do Limoeiro, em 10 de agosto
de 1797.

Nos *Trabalhos da vida humana*, série
de interessantes quadras, escriptas na
prisão, o prisioneiro descreve o dolo-
roso episodio:

A dez de agosto, esse dia,
Dia fatal para mim,
Teve principio o meu pranto,
O meu socego deu fim.

Do funesto Limoeiro
Já toco os trinta degrãos,
Por onde sobem e descem
Igualmente os bons e os máos.

Correm-se das rijas portas
Os ferrolhos estridentes,
Feróz conductor me enterra
No sepulchro dos viventes.

Para a casa dos assentos
Camiuho com pés forçados,
Alli meu nome se ajunta
A mil nomes desgraçados.

Para o volume odioso
Lançando os oltos a medo,
Vejo pôr—Manoel Maria—
E logo á margem—segredo.

Eis que sou examinado
Da cabeça até os pés,
E vinte dedos me apalpão,
Quando demais erão dez.

Tirão-me chapéo, gravata,
Fivellas, e desta sorte
Por um guarda sou levado
Ao domicilio da morte.

Estufa de treze palmos
E' uma fresta que dizia
Para o logar asqueroso,
Denominado enxovia.

Fechão-me, fiço assombrado
Na medonha solidão,
E, sem cama a que me encoste,
Descanço os membros no chão. (12)

Durante sessenta dias escreveu epis-
tolas em verso, solicitando a prote-
cção de amigos para arrancar-o do
carcere. Conseguiu-o enfim por inter-
medio do ministro liberal, seu amigo,
José Seabra da Silva, e ainda pelo
proprio juiz da devassa, que o julgou
réo de heresia, só punivel com pena
ecclesiastica; pelo que, passou do de-
gredo do Limoeiro ao carcere da In-
quisição, em 7 de novembro de 1797.

Para emendar-se das faltas que lhe
attribuiam, foi condemnado á reclusão
monachal, primeiro no mosteiro de S.
Bento e depois no claustro das Neces-
sidades, indo para aquelle em 7 de
fevereiro e para este em 22 de março
de 1798.

Foi nos Congregados das Necessi-
dades que, mais calmo e mais livre,
liberto dos vicios que o estragavam na
vida mundana, se entregou á tran-
ducção de varios poemas. Traduziu
episodios da *Pharsalia*, de Lucano, das
Metamorphoses, de Ovidio, da *Feru-
salém libertada*, de Tasso, da *Henri-*

queida, de Voltaire, o canto 1º da
Columbiada, de mme. du Bocage, e ini-
ciou a versão do *Gil Braz*, de Lesage.
Nesse meio conventual, familiarisou-se
com espiritos illustres do tempo, vi-
ctimas como elle do absolutismo rei-
nante: d. João de Noronha, padre
Antonio Pereira de Figueiredo, o ce-
lebre traductor da *Biblia*, e o padre
Theodoro de Almeida.

Em fins de 1798, restituído á plena
liberdade, Bocage teve um momento
de felicidade. Assistiu, depois das per-
seguições movidas pelo despotismo
litterario, politico e religioso, a sua
glorificação por um celebre poeta do
tempo refugiado em Pariz. Francisco
Manoel do Nascimento, *Felinto Elytio*,
ao conhecer o primeiro volume das
Rimas, publicado desde 1791, escreveu
uma ode, consagrando o novo poeta:

Lendo os teus versos numerozo ELMANO,
E o não vulgar conceito e a feliz phrase,
Disse entre mim:—Depõe, Filiuto, a lyra
Já velha, já cançada,

Que este mancebo vem tomar-te os louros,
Ganhando com teu canto na aurea quadra
Em que ao bom *Corydon*, a *Elytio*, a *Alfeno*
Applaudia Ulysséa...

A estas estrophes laudatorias de um
mestre da arte, respondeu Bocage
com versos de fogo, onde a certeza da
glorificação posthuma febrilmente pal-
pita:

Zoilos, estremecei, rugi, mordei-vos.
Filinto, o grão cantor, prezou meus versos:
.....
O immortal Corifêo dos Cysnes Lusos
Na vóz da lyra eterna alçou meu nome.
.....
Fadou-me o grão Filinto, um Vate, um
[Nume:
Zoilos! Tremei. Posteridade! E's minha. (13)

Bocage contava então trinta e tres
annos. A sua corôa de gloria era en-
trecida pelos espinhos do soffri-
mento physico e moral. O amor de
Marcia se havia mudado num suave
culto, num affecto idéal, livre da ancia
perturbadora da posse. Mas uma pai-
xão ardente lhe agitava agóra o cora-
ção incontentado; era a que alimen-
tava por Anna Perpetua Bersane
Leite a *Analia* de *Elmano*, irmã mais
nova da sua antiga inspiradora e que,
bem diversa da primeira, não lhe cor-
respondia ás amorosas inclinações.
Estas, comtudo, lhe inspiraram versos
magnificos, como este incomparavel
soneto, talvez o primeiro, no genero,
que se tenha escripto em lingua portu-
guez, antes e depois de Bocage:

Se é doce no recente, ameno estio
Ver tocar-se a manhã de ethereas flores,
E lambendo as arêas e os verdores,
Molle e queixoso deslisar-se o rio;

Se é doce no innocente desafio
Ouvirem-se os volateis amadores,
Seus versos modulando e seus ardores
Dentre os aromas do pomar sombrio;

Se é doce, mares, céos vêr anilados
Pela quadra gentil, de Amor querida,
Que esperta os corações, florêa os prados ;

Mais doce, é vêr-te, de meus ais vencida,
Dar-me em teus bráudos olhos desmaiados
Morte, morte de amor melhor que a vida. (14)

Exaltado pelo ciúme, seu amor duplicava de intensidade e mantinha o pobre poeta numa situação desesperadora. E' então que se entrega com mais abandono e ardor ao abuso das bebidas alcoolicas e apressa o seu desastrado fim. Abandona os favores do Amor e lhes prefere

O nectar que roxêa
Em honra de Lyêo os vitreos copos;
Elle lhe extráe, lhe apaga
A memória tenaz de acerbos males.

Mas os desenganos de amor não lhe entibiam o desejo de apparecer, brillar. De 1801 até quasi a sua morte, recita versos na *Nova Arcadia*, por convite do celebre Manique, e os compõe e recita para príncipes e actores. E' o periodo de sua fama, da sua maior popularidade. Viajantes, que antes estiveram em Portugal, como lord Beckford, escriptores estrangeiros, como o allemão Link, lhe elogiam os talentos e o aclamam primeiro poeta, reconhecendo-o, ao mesmo tempo, pobre e desgraçado.

Abatido pela enfermidade que o vinha mirfando desde alguns annos, e que, de certo, se aggravou com o receio de uma nova prisão por ter sido, em 1802, denunciado como *pedreiro-livre*, Bocage recolheu-se ao leito e, sofrendo cada vez mais, espirou arrependido de tudo que havia pré-gado. Os seus enthusiasmos liberaes, a sua descrença no mytho divino, segundo a concepção catholica, as suas satyras, seus versos eroticos e burlescos, tudo renegou na hora suprema, sem a selecção fazer do que de bom e de immortal escreveu. E' o que exprime nestes versos sinceros, cheios de remorso e arrependimento :

Já Bocage não sou !... A' cova escura
Meu estro váe parar desfeito em vento...
Eu aos céos ultrajei ! O meu tormento
Leve me torne sempre a terra dura.

Conheço agóra já quão vã figura
Em prosa e verso fez meu louco intento;
Musa !... Tivera algum merecimento
Se um raio da razão seguisse pura !...

Eu me arrependo ; a lingua quasi fria
Brade em alto pré-gão á mocidade,
Que atraz dô som phantastico corria :

Outro Aretino fui... A santidade
Manchei !... Oh ! Se me creste, gente impía,
Rasga meus versos, cré na eternidade ! (15)

Como ultimo lampejo da sua intelligencia, cujo brilho contrastava, fatalmente, com o estado de miseria corporal em que a molestia o havia lançado, o poeta resumiu num soneto extraordinario a sua desgraçada vida :

Men ser evaporei na lida insana
Do tropel das paixões que me arrastava;
Ah ! cego, eu cria, ah ! misero, eu souhava
Em mim quasi immortal a essencia humana.

De que innumeros sóes a mente ufana
Existencia fallaz me não dourava !
Mas eis succumbe a natureza escrava
Ao mal que a vida em sua origem dauina.

Prazeres, socios meus, e meus tyrannos !
Esta alma, que sedenta em si não coube,
No abysmo vos sumiu dos desenganos.

Deus, oh ! Deus !... Quando a morte a luz
[me roube,
Ganhe um momento o que perderam annos,
Saiba morrer o que viver não soube. (16)

*
* *

A obra de Bocage é copiosa e variada. Afóra as traducções, escreveu em original: odes, canções, cantatas, cantos, elogios, epistolas, epicedios, idyllios, satyras, apologos, epigrammas, motes glosados, allegorias, cançõetas, endeixas, ensaios dramaticos e principalmente sonetos. Cultivou todos os generos mas só o lyrico e o burlesco o fizeram celebre. A epopéa e o drama lhe escaparam apesar de varias tentativas. Seu genio e o meio eram incompativeis com as duas grandes fórmulas da poesia. Portugal perdera a sua antiga hegemonia, estava num periodo de franca decadencia, que só podia entibiar a inspiração e nunca exaltá-la. O poeta, por sua vez, não tinha o genio bastante para produzir, no genero epico ou dramatico, uma obra que se equiparasse aos seus immortaes sonetos lyricos. Dispersando o talento em outeiros poeticos, costumado aos applausos faceis da turba, que lhe admirava os improvisos brillantes, e perseguido por uma cruel adversidade a que a sua fraca natureza moral não podia resistir, lhe era impossivel consagrar-se a uma composição que o collocasse entre os grandes poetas do Occidente.

De todas as suas producções figuram os sonetos como uma das principaes da poesia portugueza. Depois de Camões, ninguem os fez melhores, nem talvez eguaes. E' o mestre do soneto portuguez.

Si não fôra a influencia perniciosa do academicismo litterario, que amesquinhou as lettras luzas durante todo o seculo XVIII e contra o qual Bocage não soube reagir como devera, si não fôra o vicio arcadico do abuso das allegorias inspiradas na mythologia greco-romana, aliás um dos resultados do pretendido Renascimento do seculo XVI, certa preciosidade de linguagem, e algumas vezes o sacrificio das verdadeiras emoções ao brilho da expressão, Bocage teria attingido, como attingiu em muitas composições, todo o esplendor lyrico de Camões. No emtanto, a sua fórmula é quasi impeccavel. Foi um precursor do Parnaso.

Si é doce, Camões, Meu sêr evaporei
e tantos outros correctissimos sonetos, merecem bem a sentença de Boileau :

Un sonnet sans défaut vaut seul un long poème

A estes incomparaveis pequenos poemas juntê-se a admiravel ode, *A Gratidão*; as sentidas e melodiosas canções, *O Adens*, *O Ciúme* e *O Desengano*; as tragicas e extraordinarias cantatas, *Medêa* e *Leandro e Hero*; os magnificos idyllios, como *Tritão*; as fabulas moraes como o *Passarinho preso*; e outras verdadeiras obras-primas de sentimento e fórmula.

No genero burlesco avultam seus incomparaveis epigrammas, onde a graça mais fina se une á satyra mais pungente, e ainda os innumeros sonetos que vibrou contra tudo que lhe era irrisorio, principalmente o academicismo dos Arcades, a intolerancia e os costumes dos frades, os habitos pretenciosos dos filhos de Gôa. Infelizmente a sua satyra attinge, muitas vezes, á mais crúa obscenidade. O poeta era do numero daquelles que não trepidam em sacrificar os mais respeitaveis sentimentos ao prazer de um verso picaresco, de um soneto chulo. Parece que se comprazia até com fazer poesias inteiramente indignas do seu talento. Desgraçadamente para o seu nome, fôram essas que mais contribuíram para sua celebridade. O povo, a grande massa social, só o conhece como o trovador de versos eroticos, de poesias obscenas. E assim a sua influencia tornou-se nociva para a cultura esthetica e moral da multidão.

Essa face do talento do poeta deve ser esquecida na sua justa e merecida glorificação. Não é o menestrel do botequim do Nicola, o verzejador de poemas eroticos que se celebra, mas o grande lyrico, o cantor da belleza e da ternura feminina, o espirito superior que aspirou dias melhores para sua infausta patria, que elle, a seu modo, apesar de uma attitudo politica incoherente e contradictoria, com toda a desregrada conducta, queria ver livre do jugo do academicismo dos lettrados e do absolutismo da realza degradada.

A restauração das bôas lettras, do bom gosto litterario, e a abolição do despotismo politico, era o duplo problema cuja solução se impunha e para a qual, embóra incompletamente, correu Bocage. Figura assim como precursor de Garrett e dos revolucionarios de 1820; presentiu os romanticos e os vintistas. Mas tudo isso o fez, por assim dizer, inconscientemente, pois, ainda poucos annos antes da morte, sancionára o academicismo arcadico e a dictadura retrograda, recitando elogios no The-

atro da rua dos Condes e na *Nova Arcadia* protegida mansiosamente pelo tyrannico Manique, dirigidos á realza, a d. João VI, á louca d. Maria I, á d. Carlota Joaquina, á princeza Maria Thereza. Bocage não escapou á tendencia corrente do meio em que vivia, tendencia muito commum nas epochas de crise philosophica e religiosa — a bajulação dos puros lettrados aos potentados do dia. Lisougeou os grandes, principalmente quando, nas amarguras do carcere, devera mostrar, soffrendo, o valor das almas verdadeiramente superiores. Mas Bocage era uma natureza fraca, um simples espirito litterario que cultivava as méras faculdades de expressão, ás quaes sacrificava muitas vezes as proprias aspirações do sentimento. Falta-lhe a inteireza de character que só é incompativel com os poetas de segunda ou terceira ordem, mas se allia quasi sempre com o verdadeiro genio. Elle proprio definiu-se nesta pergunta characteristic, que foi e é ainda o aphorismo da maioria dos méros lettrados: «Que tem o talento do homem com sua moral?» (17)

Bocage conseguiu formar escola. No fim do seculo XVIII, diz Theophilo Braga, todos os poetas eram elmanistas como no fim do XVI, todos eram camoneanos. A *Arcadia* do botiquim das Parras influira mais do que a *Nova Arcadia*. Mas os elmanistas ficaram alheios ao movimento romantico que o genio polymorpho do grande Goethe havia revelado com a publicação do *Werther*, antes mesmo do apparecimento litterario de Bocage. A reacção anti-classica, nascida na Alemanha, desenvolvida na França com Chateaubriand e mme. de Staël só no segundo quartel do seculo XIX se entroduz em Portugal. Assimilando as tradições populares, tornando-as o campo fecundo da criação litteraria, de modo a vincular estreitamente a sociedade e os escriptores, Garrett iniciou a obra que podia ter sido realizada por Bocage cincoenta annos antes, si outras fôssem as condições do seu meio. No emtanto, como na evolução litteraria e em todas as evoluções, não ha solução de continuidade, a poesia de Garrett provém da de Bocage, não do Bocage precioso e arcadico, do Elmano dos outeiros e cafés, mas do grandioso lyrico do *Si é doce* e de *Medea*. E' o proprio Garrett que reconhe implicitamente essa filiação, quando nelle distingue duas personalidades poeticas. «O vate *Elmano*, diz Garrett, é muito differente coisa do poeta Bocage. O excêntrico, inintelligivel, estapafurdico *Elmano* dos cafés e dos outeiros não pôde ser o mesmo que o traductor de Ovidio, o auctor de *Leandro e Hero*, de *Trinão*, e de tanta coisa bella.»

Do espolio poetico de Bocage, ficarão incorporadas ao thesouro estlietico as suas producções lyricas, especialmente os sonetos de amor e os que encerram bellas sentenças moraes. Mas, documento litterario de uma epocha, todo elle viverá como a expressão da sociedade portugueza no ultimo quartel do seculo XVIII. A tyrania da Realza, o despotismo da Inquisição, o dominio pernicioso de Frades e Jesuitas, a dissolução dos costumes publicos e privados, o rebaixamento das letras sob o dominio arcadico, todo esse periodo de abatimento espirital e moral, assignalado pelo reinado da rainha louca e do medroso principe D. João, e caracterisado pelo poder discricionario de Manique, fica registrado directa ou indirectamente nas composições imperciveis desse poeta tão infeliz como Camões.

E já que tocamos no paralelo, que sempre se repete, entre Camões e Bocage, convem não esquecer a natureza e o valor de tal comparação e apreciar a importancia dos factos coincidentes na vida de ambos.

Camões é o representante genuino da alma portugueza em todos os tempos e em todos os logares. Sendo um grande poeta nacional, é tambem um grande poeta universal. Celebrando Portugal na apothese do Gama, immortalisa uma das phases mais decisivas e admiraveis do movimento progressivo de toda a Humanidade. E' por isso bem verdadeira a sentença do celebre critico allemão: «Camões representa só porsí uma litteratura inteira». (18) Assim está muito longe e muito acima de Bocage, considerando embora as condições desfavoraveis do meio em que surgiu este ultimo poeta. No proprio genero lyrico, que faz a gloria de Bocage, Camões ainda lhe leva a palma. Inferior, até certo ponto, no brilho da fôrma, vence-o pela belleza e sinceridade da emoção. Bocage só delle se torna rival quando lhe attinge o inimitavel lyrisimo, filho das incomparaveis inspirações de Petrarca. «Os seus sonetos, escreve um judicioso critico, tão admirados, são materialmente bem feitos, mas sem ideal, sem esse espirito de melancolia e profundidade que só se encontra em Camões» (19) Bocage não foi modesto mas simplesmente sincero quando escreveu, referindo-se a Camões:

Se te imito nos transes da ventura,
Não te imito nos dons da natureza.

Realmente só as desgraças foram o seus verdadeiros élos. Foram ambos martyres do Amor e da Patria. Mas ainda assim, quão differentes! Camões tem um ideal de ternura, atraves das fraquezas resultantes da propria natureza masculina e da educação commum que a esta se dá.

Catharina de Athayde, a formosa Nathercia, é para elle o que fôram Maria Brandão e Joanna de Vilhena para os bucolistas Christovão Falcão e Bernardim Ribeiro. Toda a sua musa é para aquella em que o poeta resume o Amor. Bocage tem dous amores idéaes, Maria Vicencia e Auna Perpetua, Marcia e Aualia, sem contar o affecto primitivo por Anna Gertrudes, a Gertruria, e as mesmas fraquezas de Camões, que, nelle tomam uma inteusidade excepcional e quasi constituem a regra principal da sua conducta. Essa instabilidade de affectos é tão characteristic que o povo não lhe incorporou ao nome o de nenhuma personagem feminina, como fez com Camões a respeito de Nathercia. Chega-se até a duvidar da pureza d'aquellas affeições, quando o mesmo cryptouymo, Marcia, inspirava a Bocage as mais depravadas poesias burlescas. (20)

Pela patria soffreu Camões com resignação e coragem. Não adou os poderosos. Com dignidade resistio aos assaltos do infortunio. Bocage, timido e fraco, gasto pela orgia, humilhou-se servilmente deante dos tyranos e poderosos. Não duvidou glorificar aquelles mesmos que directa ou indirectamente tinham causado tanto damno a elle e á patria. Além disso, o paralelo entre os dous poetas quasi que foi previamente preparado. Bocage queria imitar em todos os actos o cantor dos *Luziadas*. Ha um proposito anterior mais do que uma coincidência fortuita em conseguir artificialmente a identidade das vidas.

Disto resulta que a comparação deve apenas identificar os dous poetas no sentimento das desgraças de ambos, mas separal-os bastante quanto ao seu valor, de modo a distingui-los tanto que se verifique qual o altar em que se adora o genio de Camões e o em que se venera o talento de Bocage. Na apothese humana como na canonisação theologica, a recompensa deve ser proporcional ao merito. Na côrte dos eleitos da Humanidade, como na dos predestinados do seu antecessor divino, quem melhor faz, merece mais. Esta é a justiça. Glorifique-se Bocage como um dos herões da poesia portugueza, mas dê-se-lhe o justo logar, não o equiparando a um dos maiores genios da poesia universal. Basta que na litteratura nacional elle fique como o mais celebre poeta do seculo XVIII. E' este o seu titulo, é esta a sua gloria.

REIS CARVALHO.

(1) ANTONIO MARIA DO COUVO. — *Memorias sobre a vida de Manoel Maria Barbosa du Bocage*, Lisboa, 1840, pag. 9.

(2) BOCAGE. — *Rimas*, t. III, 3ª ed., Lisboa, 1806, pag. 278.

(3) THEOPHILO BRAGA. — *Bocage, sua vida e epocha litteraria*, Porto, 1902, pag. 206-207.

(3) BOCAGE. — *Rimas*, t. I, 4ª ed., Lisboa, 1834, *Canção I*, pag. 159-160.

(4) BOCAGE. — *Rimas*, t. I, 4ª ed., Lisboa, 1834, *Soneto*, nº LXXIX, pag. 79.

(5) BOCAGE. — *Poesias satyricas*, Lisboa, 1840, pag. 61.

(6) ANTONIO MARIA DO COURO. — *Op. cit.* pag. 30-31.

(7) THEOPHILO BRAGA. — *Op. cit.* pag. 464-465.

(8) THEOPHILO BRAGA. — *Op. cit.*, pag. 372.

(9) THEOPHILO BRAGA. — *Op. cit.*, pag. 290-291.

(10) BOCAGE. — *Poesias eroticas, burlescas e satyricas*, Pariz, 1903, pags. 38 e 40.

(11) BOCAGE. — *Poesias eroticas, burlescas e satyricas*, Pariz, 1903, *Soneto I*, pag. 92.

(12) BOCAGE. — *Rimas*, t. IV, 3ª ed., Lisboa, 1835, pag. 87-88.

(13) BOCAGE. — *Rimas*, t. III, 3ª ed., Lisboa, 1806, pag. 22-23.

(14) BOCAGE. — *Rimas*, t. III, 3ª ed., Lisboa, 1806, pag. 16.

(15) BOCAGE. — *Poesias*, ed. de 1853, t. I, soneto II.

(16) BOCAGE. — *Poesias*, ed. de 1853, t. I, soneto II.

□ (17) THEOPHILO BRAGA. — *Op. cit.*, pagina 206.

(18) FR. SCHLEGEL. — *Histoire de la Littérature*, trad. Duckett, Paris, 1829, t. 2, pag. 115.

(19) THEOPHILO BRAGA. — *Manual da Historia da Litteratura Portugueza*, Porto, 1875, pag. 439.

(20) BOCAGE. — *Poesias eroticas, burlescas e satyricas*, Porto, 1903, sonetos 41, 47.

D'AQUI E D'ALLI

Desde algum tempo que os habitantes das cidades do sul da França andam intrigados com um estranho peregrino. De baixa estatura, os longos cabellos ligados por uma fita amarella, revestido de grande manto de linho duma brancura admiravel, o estrangeiro trazia á mão um velho cajado e suspendia ás costas um alforge cheio de brochuras. Este individuo que se fez chamar Merva, o apostolo da vida natural, é de origem belga. Sendo consul nas Indias hollandezas, deixou as suas funcções ha cinco annos «para voltar á natureza» e fundou uma colonia perto do lago Maior. Os «colonos» não comem sinão fructos e alguns legumes e reduziram o vestuario ao strictamente necessario. Elles dormem ao relento, sobre a areia. Merva fez, nesses ultimos mezes, uma viagem de propaganda pelo sul da França, afim de recrutar novos adherentes.

* * *

As extravações de Delos A vinte horas do Pireo, no meio das Cyclades, eleva-se, velha e deshabitada, a immorttal ilha de Delos, onde a lenda fez

nascer Apollo e que foi durante muito tempo um dos principaes santuarios da Grecia. Debaixo do dominio romano, Delos tornou-se numa florecente cidade de commercio. Hoje é uma ilha escarpada que o vento bate perpetuamente e onde vicejam umas magras plantas sylvestres. As escolas de sabios europens e americanos teem emprehendido fazer surgir de todo o sólo grego, o seu prestigio passado. Os americanos desobstruem Coryntho, os gregos Epidanro, os allemães reconstituíram os santuarios de Olympia e separaram os restos de Pergamo, os francezes, que hontem ressuscitaram Delphos, fazem, agóra, renascer Delos. Na bôa estação, toda a escola franceza de Athenas põe-se em trabalho, ajudada pelos gregos de Delphos, que, outr'óra, recuzavam excavar a terra e que hoje deixam as suas aldeias para ajudar os francezes a tirar do sólo os templos e os palacios. O santuario de Delos está completamente desembaraçado, com os seus thezouros. A pequena ilha reaparece e já muitas ruas mostram casas de ricos mercadores que vão para alli negociar.

* * *

Um jornalista americano, o sr. Kirby, acaba de fazer um balanço curioso dos principaes movimentos religiosos que se manifestaram recentemente nos Estados-Unidos e de avaliar as suas riquezas em dollars. A America teve sempre um fraco pelas religiões phantasticas. O primeiro iniciador de seita nova, foi uma mulher, a sra. Eddy, que abriu, ha trinta annos, uma pensão para a cura pela fé. Teve a sua casa um lindo e exquisito nome: *Collegio metaphysico de Massachussets*. Ha dezeseis annos, fundou, com 26 membros, a primeira igreja da sciencia christã, que tem como centro a cidade de Boston, onde a igreja matriz possúe, hoje, 15.000 adeptos. A seita é rica, levanta igrejas nas principaes cidades; ultimamente, edificou em Nova York, na 96ª avenida, um esplendido santuario; preconiza a eliminção da medicina e dos medicos e leva os adeptos a não contar sinão com os irmãos em seita e a querer, com o auxilio de Deus, que elles saibam ser bom.

Dowie, o famoso Dowie, fundador da cidade de Sion, em Chicago, é um antigo pastor congreganista na Australia, de origem escosseza. Apresenta-se com o espirito do propheta Elias, annuncia a proxima vinda de Christo

ao mundo e levanta Sions, em diversos lugares, para o acolher na terra. Um segundo Sion prepara-se no Mexico; o primeiro está a 70 kilometros do centro de Chicago, eleva-se defronte do lago Michigan, num antigo terreno agrícola, que vale, hoje, mais de 150 milhões de francos. Dowie offerecen-o aos seus companheiros de religião. De resto, elle não procura mais que a gloria de Deus e não o interesse proprio. Este amalgama de terreno e de religião inquieta justamente; teme-se um formidavel desmoronamento.

O espiritismo tornou-se, nos Estados-Unidos, uma especie de religião que tem como adherentes cerca de 1.500.000 pessoas. Os *mediuns* são em numero de dez mil; quasi todos, porém, segundo o jornalista *yankee*, são charlatães que exploram a credulidade publica. O mais afamado de todos os espiritas é, actualmente, a sra. Pepper, que dirige os serviços religiosos num grande edificio que ella chama a primeira igreja espirita de Brooklyn e que pretende fazer prodigios admiraveis. As contribuições dos que vão ver o templo dão um lucro extraordinario á sra. Papper, que conserva a sua igreja num grande luxo. Certos adeptos do espiritismo são homens de intelligencia bastante apurada. Muitos são millionarios ou já o fôram antes de cair nas garras dos *mediuns* rapaces; as demonstrações de fraudes repetidas não abalam as suas crenças, deixam-lhes, pelo contrario, uma fé absolutamente arraigada.

Em Economy, na Pensylvania, ha uma sociedade de pessoas que jejúam, e que, no emtanto, prosperam espontaneamente, sobretudo o chefe, o velho Druss, um ricoço de 25 milhões de francos. São celibatarios os socios dessa exquisita aggremação, que tem tambem o seu modo de entender religiões. Os «economistas» teem como divisa: *Honestidade e consciencia*.

Na California, em Loms, encontra-se uma colonia de theosophos, fundada pela sra. Catherine Tingley, que, ao principio, foi espirita, sendo então considerada igual á sra. Blavatski. Chama-se a colonia: *Escola para a explicação dos mysterios perdidos da antiguidade*.

A fundadora da seita coniprou para o seu estabelecimento, um terreno magnifico, cuja conservação custa,

hoje, cerca de um milhão e meio de francos por anno. Tres ou quatro pessoas dão o dinheiro necessario para essas despesas. De todos, porém, quem mais gasta com a instituição da sra. Tingley é o grande millionario de Nova York, o sr. Spaulding, dono de diversas fabricas de artigos de *sports*.

Que podem fazer esses adeptos do occultismo? — pergunta Kirby Algons se aquecem, preguiçosamente, ao sol de ouro da California e outros, mais ricos do que estes, regulam as suas despesas, pensando na verba do ensino da sra. Tingley.

O *reporter* norte-americano cita mais algumas outras religiões, sem entrar, porém, no exame indiscreto dos recursos pecuniarios de cada uma. Em Bar Harbor, Michigan, a *Sociedade das tribus perdidas de Israel*, cujo chefe, Benjamin Purnell, prophetizou a expulsão do Satanaz do mundo, em 1916; *Os adoradores do sol*, em Nova York, discipulos do dr. Hanish; em Woodcliff, a *Sociedade dos dansadores-anjos da casa do Senhor*; esses, porém, são uns fanaticos pobres e de máu aspecto.

Todas essas instituições bizarras vivem; alguns chegam a prosperar. E' espantoso, porém, que elles vivam e prosperem nos Estados Unidos, cujos habitantes passam, no emtanto, por possuir o grande espirito pratico.

* * *

Museu
technologico

Vienna possui um grande museu, o *Technologischer gewerbe museum*, que celebrou, ha poucos mezes, o seu 25º anniversario. Ultimamente, foi annexada ao museu uma série de officinas, laboratorios, gabinetes de ensaios para os materiaes de construção, as machinas, o papel e a electricidade; em cada uma dessas quatro divisões, crearam-se cursos, conferencias, exercicios praticos, etc. Experiencias muito interessantes e uteis tem-se realizado nesse grande museu.

FINALIDADE DO MUNDO

NOVO LIVRO DE FARIAS BRITO

Só agora me posso desobrigar comigo mesmo de um alto dever de consciencia para com aquelle nobre espirito com quem anda tão somitica a justiça da geração actual.

Farias Brito acaba de publicar o terceiro volume da sua *Finalidade do Mundo*; e é preciso dizer, desde

logo, que a obra não pôde ainda ficar completa com este novo livro — que é apenas a primeira parte da ultima das tres secções em que a obra foi dividida. E' na 2ª parte, que o philosopho tem, conforme diz, em preparação — que será examinado e resolvido o problema da existencia pela concepção do mundo como actividade intellectual. Só, portanto, com o 4º volume da *Finalidade* teremos desvendada a theoria fundamental do systema.

Muita gente ha de julgar talvez que o eminente pensador exaggerou algum tanto as proporções de uma obra de natureza tal que se deve impôr primeiro pela synthese para depois vencer pela analyse. Por minha parte, francamente, desejava tambem que fosse assim; mas não me convenço de que o plano e o processo preferidos constituam propriamente um defeito. Um espirito como o de Farias Brito, tão vasto e tão profundo, não podia mesmo ceder mais á ancia de revelar logo a nova concepção do mundo e da vida que á necessidade de explanar primeiro os caminhos por onde seguiu. Tanto mais que estou certo de que, ao termo desta longa jornada, o viajor ha de parar lá no alto e estender para traz o seu olhar sobre a trajetoria vencida.

Neste livro, que tem por sub-titulo — *Evolução e relatividade* — continúa Farias Brito a passar em revista a obra dos pensadores, occupando-se agora dos contemporaneos. O 1º capitulo trata das theorias modernas como «doutrinas de dissolução». Depois de nos dar uma idéa do estado actual do mundo e da anciedade que lavra nos espiritos anarchisados, — procura as causas de tudo isso. Admira a grandeza dessa immensa obra de renovação em que, com valor assombroso, se empenha o espirito humano, em geral, dès da Renascença, e observa, desolado e em grande alarma, que ás maravilhas do progresso, na esphera das sciencias e das industrias, não corresponde o desenvolvimento da ordem moral. Assignala o esforço de alguns por abrir um rumo seguro á consciencia perdida dos nossos tempos e estaca, ainda mais alarmado, ante os desvarios, crescentes como ondas de mar tempestuoso, dos maiores pensadores modernos. Comte e Spencer, Guinau e Marx são chamados á conta, e vistos através de uma larga concepção da vida, que o nosso philosopho proclama com uma coragem propria de grande espirito. O esforço de Farias Brito dirige-se mais especialmente contra o positivismo, talvez porque é a *seita* mais em credito hoje em certas classes do nosso paiz. Depois de dar as diagonaes do systema de Comte — inquire o pensador cearense:

«— O positivismo tem proporções para resolver a crise moderna? — Não: é a resposta que se impõe á razão esclarecida e imparcial.»

E se apressa em demonstral-o.

«— Para deduzir as leis da moral, — diz elle — é preciso: 1º, que o homem conheça a natureza; 2º, que se conheça a si mesmo. E isto é evidente, porquanto ninguem se poderá elevar á comprehensão da verdadeira noção do dever, sem comprehender claramente: 1º, qual a significação racional da natureza; 2º, qual o papel que representa no mundo. Em uma palavra: a moral só pôde ser deduzida por uma concepção do todo universal, isto é, por uma philosophia.»

E explana tudo isso com um vigor de logica admiravel.

Passando a H. Spencer, põe primeiro em confronto o que ha de fundamental na obra dos dois grandes philosophos contemporaneos; e comquanto reconheça e note nas idéas do pensador inglez uma influencia assignalada do positivismo — afirma que ha uma «distincção radical» entre Spencer e Comte. E' de uma evidencia absolutamente victoriosa: si o primeiro «faz da evolução a lei suprema dos cosmos», é que deixou, ainda, ao espirito humano, ao idéal philosophico, um tanto abertos os horizontes que o segundo fechou. Mas, depois de haver condemnado o positivismo — lavra egualmente anathema contra o systema de Spencer: «a theoria da evolução tambem é falsa».

E isto agora, como é facil de comprehender de prompto, é mais grave. Incontestavelmente, a concepção fundamental do evolucionismo assenta na experiencia e na propria razão do Universo. Farias Brito mesmo parece reconhecer isto quando não condemna *em absoluto* a idéa de evolução. O que elle detesta é o *conceito* classico da escola: não o *principio*. «O que não pôde ser admittido — diz elle — é a theoria da evolução como concepção do Mundo; o que não pôde ser admittido é a interpretação da natureza pelo principio da evolução». E entra numa longa analyse de Spencer, batendo-lhe vigorosamente: os argumentos, deixando ver bem quanto é complicada e singular a *metaphysica* do philosopho inglez, quando, a seu modo, quer estabelecer um nervo logico entre a phase puramente cosmica ou mecanica do mundo e a phase da vida psychologica: isto é, quando tenta demonstrar (segundo o seu systema) que a ordem moral é resultante da acção das mesmas leis que regularam a genese e desenvolvimento do Universo concreto. «Como é que se faz a metamorphose? — inquire o nosso philosopho. Como é que uma força que existe sob a fórmula de movimento,

de calor, de luz, pôde tornar-se um modo de consciencia? Como é que as forças postas em liberdade pelas mudanças chímicas operadas no cerebro pôdem produzir uma emoção? (transformar-se numa emoção?)»

E responde Spencer:

— «São mysterios que não é possível sondar. Mas não são maiores que as transformações das forças physicas umas nas outras».

Em seguida, depois de transcrever a fórmula synthetica de Spencer, escreve Farias Brito: «Fica, assim, sem mais exame, patente que a theoria da evolução é uma concepção materialista do Mundo. Não se trata, pois, rigorosamente falando, de um systema novo, mas apenas de uma nova fórmula de um systema já velho, isto é, de uma nova fórmula do materialismo».

Ora: o materialismo satisfará, porventura, ao espirito moderno?

Farias Brito não hesita.

Mas continuemos a examinal-o.

ROCHA POMBO.

SCIENCIA E INDUSTRIA

Navios de turbina. — O mais rapido vapor do mundo. — Os mais rapidos transatlanticos. — Os resultados.

Os navios em que, em vez de machinas a vapor para imprimir movimento ás helices, se empregam turbinas tambem movidas a vapor, vão adquirindo notoriedade depois dos aperfeiçoamentos applicados para remover os inconvenientes dos primeiros ensaios do novo systema.

As vantagens desse melhoramento são de indiscutivel alcance como economia de espaço, permittindo augmentar a tonelagem utilisavel, maior rapidez, superior rendimento dos órgãos motores e outras vantagens secundarias, como a ausencia de trepidação resultante da suppressão dos mecanismos de transformação do movimento, porque com as turbinas o movimento de rotação do motor é transmittido, directamente, ás arvores que teem na extremidade os propulsores helicoidaes funcçãoando como helices.

No paquete *Princèsse Elisabeth*, construido nos estaleiros de Hoboken para o serviço postal de Ostende a Douvres, deslocando 2.000 tonelladas, armado com tres turbinas e tres arvores horizontaes, a primeira turbina de alta pressão, atacando a arvore do centro é sómente empregada para o movimento avante; as duas de baixa pressão accionam as arvores ou eixos de bombordo e estibordo, munida cada uma de uma helice de 6 pés de diametro. O vapor é fornecido por 8 caldei-

ras de tres lares, de tìragem forçada. As turbinas lateraes de baixa pressão são completadas do lado da pôpa por duas turbinas auxiliares para a marcha retrograda, resultando desse dispositivo uma energia extraordinaria, porque, para effectuar, rapidamente, qualquer manobra, basta dirigir o vapor para a turbina correspondente.

Nas primeiras experiencias desse navio, as turbinas funcçãoavam a toda a força durante meia hora, quando foi ordenada a marcha immediata para traz. Essa manobra foi effectuada num instante com surprehendente precisão.

Na casa das machinas é curioso o aspecto novo da simplicidade dos aparelhos, pela ausencia dos mecanismos complicados; nella se vêem, apenas, tres longos cylindros de metal, muito baixos, no meio e perto do bordo, dois condensadores e, avante, alguns mecanismos auxiliares.

A rapidez é realmente prodigiosa. O *Princèsse Elisabeth* é hoje o mais rapido navio do mundo: realizon uma marcha de 25 nós, no Escault, de 24 e 25, no Greenock, com uma rapidez de 24 e 16 na marcha atraz.

Munidos de turbinas, estão actualmente em actividade diversos paquetes destinados ao serviço de travessias, relativamente curtas, de Calais a Douvres, de Dippe a Newhaven, de Ostende a Douvres, da Irlanda á ilha de Man. Na rapidez, elles excederam as torpedeiras de turbina construidas pelo almirantado inglez depois de 1901, á *Turbina* que deu 24 1/2 nós, ao *Viper* e ao *Cobra*, que attingiram 36 nós. Estes dois naufragaram em consequencia de accidentes que não pôdem ser imputados ao seu systema de propulsão e não impediram as experiencias de applicação das turbinas aos navios de guerra emprehendidos nas marinhas de diversos paizes.

Quanto aos resultados excellentes obtidos por esse novo systema empregado nos navios viajantes, não ha mais duvida; elle está sendo empregado nos *steamers* de forte tonelagem para as longas travessias. Estão em construcção dois paquetes de 12.000 tons, para uma grande companhia ingleza, com turbinas de 17.000 cavallos; outro, de 17.000 tons., com turbinas de 16.000 cavallos; dois dos famosos transatlanticos monstros de 32.000 tons., construidos pela Companhia Cunard para o serviço de Liverpool a New-York, os quaes serão providos de turbinas de 70.000, cavallos devendo realizar uma rapidez média de 25.000 nós—46 kilometros—400 metros por hora.

As officinas dos "Annaes", dispõdo de um material completamente novo, encarregam-se da impressão de todo e qualquer trabalho typographico.

O ALMIRANTE (63)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXI

Os ingenuos olhos azues de Sebastião se toldaram, como si por elles passassem rapidas nuvens de tristes recordações.

— Anda sempre mal — disse elle, concluindo o interrompido pensamento — Eu, meu senhor, sou um homem aluado, tenho dentro da cabeça um demonio que não a larga, nem á mão de Deus padre, fazendo uma bulha que não acaba mais. E quando consigo adormecer é para sonhar maluquices.

— Pensei que você era um homem robusto—tornou Oscar, comprazendo-se com aquella diversão ao seu espirito atribulado.

— A caixa está perfeita—affirmou o guarda portão, batendo no peito rijo — A cabeça é que anda transtornada desde que voltei da Africa por causa de uma traição que me fizeram. Mas para que falar em coisas tristes. .

— Devia ser muito grave essa traição.

— Dahi para cá não tive mais socego.

— Conte-me isso.

— Eu partira satisfeito, como um homem que váe servir a sua patria. E as saudades que eu levava eram compensadas pela esperanza de voltar com a minha vida encaminhada para cazar com a prima Maria das Dores, que era a menina dos meus olhos. Ella se despediu de mim chorando e dizendo: Deus ha de permittir que voltes são e salvo; eu te juro, por esta luz que nos allumia, que te esperarei até á morte. E lá fui eu com essa esperanza dentro da alma. Passei um anno de trabalhos naquella terra infernal, contando os dias, as horas até que, num encontro com os negros, fui ferido aqui na perna. Foi para mim uma feliz noticia a da minha baixa por incapaz para o serviço; abençoei o ferimento que abreviava aquella ausencia e tanto que as forças m'o permittiram regresssei a Portugal. Eu não deixava a prôa do navio a cortar as ondas e olhava para deaute, ancioso, como si esperasse ver surgir ao longe a figura de Maria das Dores a estender-me os braços. E era uma ancia tão grande de chegar, de abraçal-a, que para mim o navio não andava; era um carro de bois afocinhando lentamente nas aguas verdes. Afinal, avistei a terra desejada; desembarquei em Lisbôa e tomei, no mesmo dia, o comboio para o norte. Quando cheguei á estação uma hora distante da minha aldeia, senti um grande allivio e quasi chorei de

alegria. Parecia-me respirar já o ar que ella respirava, sentil-a junto de mim e abraçal-a para nunca mais nos separarmos. Toda a gente olhava para mim, para o meu uniforme; muitos conhecidos me saudaram, pediram-me noticias de outros que lá haviam ficado, parentes, conhecidos, meus companheiros de jornada. Não sei bem o que lhes respondi. Ajustei aos hombros a minha trouxa e fui andando, arrastando a perna que ainda estava maguada. Quando avistei ao subir uma encosta a torre da igreja alvejando no fundo do valle, a casinha do senhor cura no meio de um pomar e os casaes esparsos, fumegando placidamente á margem do rio, parei como si me abandonassem as forças. Sentei-me alguns momentos e dei graças a Deus por me ter conduzido até allí são e salvo.

Sebastião interrompeu a narrativa, como si sentisse realmente a fadiga da caminhada ao volver á terra querida, como si lhe voltasse á visão o quadro da paisagem encantadora, na sua serenidade rustica, o ninho da sua felicidade. E num accento comovido, que elle não tentava disfarçar, contou como, passados alguns momentos de extase, fôra descendo lentamente para o valle até chegar á ponte de madeira com as extremidades apoiadas em penhascos. Lá em baixo, ajoelhados á margem da corrente a deslizar por entre pedrouças, algumas raparigas cantavam lavando roupa; outras tagarellavam, numa alegria innocente, enchendo os cantaros de louça. Maria das Dôres não estava entre ellas. Occorren-lhe dirigir-lhes a palavra, pedir-lhes noticias, mas a casa estava perto, uma centenna de braças depois de passar a fonte, numa volta do caminho, encoberta no arvoredado, e as cónjas elle devizava balançando-se ao impulso de uma brisa fresca. Alguns momentos mais de marcha, elle chegou á porta do seu lar. Era á hora do trabalho. Baten. A mãe veio recebê-lo e cafu-lhe nos braços surprehendida, sorrindo e chorando de alegria. Vieram depois as parentas, as amigas da visinha alvoroçadas pela volta do Sebastião, desfigurado na farda velha, o rosto tostado pelo sol, a barba crescida e descurada como um homem que vem da Africa. Assaltaram-no de perguntas sobre a sua vida em terra inhospita durante aquelle anno que parecia um seculo. A mãe tomou-lhe a trouxa, fel-o sentar num banco e trouxe um pucaro de vinho fresco para saciar a sede e restaural-o da fadiga da longa caminhada. Sebastião mal respondia ás caricias que o cercavam; procurava em vão entre as moças a figura esbelta de Maria das Dôres, que elle esperára fôsse a primeira a confortar

os seus olhos anciosos. E como si o seu silencio fôsse comprehendido, a mãe se lhe acercou e disse-lhe tristemente: Ai que allivio, meu filho. Deus seja louvado. Imagina como ficámos com o boato de que a tropa em que te achavas, tinha andado em guerra com o gentio. Foi uma afflicção da hora da morte. Não havia noticias tuas e chegámos a suspeitar que tinhas morrido. Chorei muito, mas o coração me dizia que estavas vivo e esperei com fé em Deus. Os outros tinham dó da minha confiança e te consideravam para sempre perdido. Ninguem acreditava que voltasses. Foi por isso que a Maria... cazou com um rapaz brasileiro que tornou á terra para buscar a familia e partiu logo para o Rio de Janeiro. A rapariga ficou seduzida pelo dinheiro...

Sebastião interrompeu a narrativa e entrou de riscar na areia uns arabescos incompreensíveis, como si aquelles traços traduzissem em estranha escripta o tumulto do seu coração desilludido.

Oscar o contemplava em silencio, commovido pelo vulgar episodio de amor, narrado com dolorosa sinceridade.

— Depois — continuou Sebastião — me veio o convite do primo João. Aceitei-o sem hesitar. Era o meio unico de me approximar della, dessa ingrata Maria das Dôres, que eu não podia esquecer, muito embôra sentisse fundo no coração toda a amargura do seu abandono. Em chegando, tive proposito de procural-a para laçar-lhe em rosto o seu feio proceder, mas... não tive coragem. Bastava-me saber que ella estava na mesma terra que eu... que não estávamos separados pelos mares; que algum dia me seria dada a ventura de encontral-a outra vez...

— Ama sempre essa mulher? perguntou-lhe Oscar.

Elle não me sáe da cabeça, meu senhor. E' o demonio que eu detesto, mas me persegue, tira-me o somno, transtorna toda a minha vida.

— Você deve esquecer-a, Sebastião.

— Ai, a gente não tira da lembrança uma mulher, como quem varre estas folhas.

— Isso passará com o tempo.

Oscar ergueu-se avistando a marquezia e Hortencia, que vinham conversando sob as ogivas do bambual doirado dos reflexos do sol nascente, marcando grandes discos luminosos na areia branca. Sebastião assuou-se com rumor no grande lenço vermelho e continuou a varrer a alcatifa de folhas seccas.

— Bom dia — disse a marquezia, sorrindo — meu querido almirante. Fôste hoje matinal.

— Aposto que trabalhou toda a

noite — acrescentou Hortencia — Eu vi luz no seu quarto pela madrugada.

— Não, não trabalhei — respondeu Oscar. — Adormeci e deixei o gaz acceso, tão morto de somno estava. Despertei cedo e vim para o jardim.

— Pois eu não consegui dormir — tornou a marquezia. — Estava tão deshabituada ás recepções que se me figurava uma menina abalada pelas impressões dos primeiros bailes.

— E' que a tua juventude não percebe...

— E perseguiram-me recordações, alegres e tristes: todo o meu passado volvendo com uma nitidez admiravel, vivo, perfeito, nos menores incidentes.

— Isso prova — interrompeu Hortencia — que a vida de retraimento não te convém. Que lhe parece Oscar?

— Acho que tem razão.

— Eu sempre disse — continuou Hortencia — que essa vida de convento era uma estufa, onde se atrophiava esta flôr feita para o ar livre, para a luz radiante...

E beijou ternamente as faces da marquezia, animou-lhe os cabellos atados em longas madeixas onduladas.

— Eu — continuou a moça — organizei um programma de movimento, de vida intensa para curar definitivamente a nossa doente imaginaria. Acabamos de projectar a compra de uma chacara na Gavea, entre a floresta e o mar e vamos fazer hoje uma excursão áquelle sitio encantador.

— Muito bem pensado — concordou Oscar. — Approvo plenamente essa excellente idéa.

— Que váe ser realisada immediatamente para não ser frustrada pelas hesitações. Si nos convier, dentro de alguns dias estaremos mudadas. Dividiremos o nosso tempo: alguns dias lá e outros aqui... uma variedade continna, encantadora, que não deixe tempo para a monotonia, para pensar em tristezas.

— Quando partem? — inquiriu Oscar, sorrindo.

— Immediatamente — respondeu a marquezia. — Mandámos preparar a carruagem e vinhamos pedir-te a tua companhia.

— Estou ás tuas ordens.

— Nas minhas prescripções — observou Hortencia — figura um mandamento sagrado: não se falará mais em politica, que era a causa principal da excitação dos nervos desta querida senhora...

— De pleno accordo. A politica é um toxico que embriaga como o alcool — affirmou Oscar, sorrindo — e occasiona desgostos, decepções muito penosas.

(Continúa.)

PAGINAS ESQUECIDAS

BENÇÃOS

Bem hajas, oh luz do sol,
Dos orphãos gasalho e manto,
Immenso, eterno pharol
D'este mar largo de pranto !

Bem hajas, agua da fonte,
Que não desprezas ninguém !
Bem haja a urze do monte,
Que é lenha de quem não tem !

Bem hajam rios e relvas,
Paraiso dos pastores !
Bem hajam aves das selvas,
Musica dos lavradores !

Bem haja o reino dos ceus,
Que aos pobres dá graça e luz !
Bem haja o templo de Deus,
Que tem sacramento e cruz.

Bem haja o cheiro da flôr,
Que alegre o lidar campestre ;
E o regalo do pastor,
A negra amora silvestre !

Bem haja o repouso á sesta
Do lavrador e da enxada ;
E a madre-silva modesta,
Que espreita á beira da estrada !

Triste de quem der um ai
Sem achar echo em ninguém !
Felizes os que têm pae,
Mimosos os que têm mãe !

THOMAZ RIBEIRO.

* * *

A ELOQUENCIA PARLAMENTAR
EM PORTUGAL

A eloquencia politica nasceu em Portugal em 1820. A sua fórma era antes a dissertação do que o discurso. Não havia então combate de antogonistas irreconciliaveis no seu credo, senão parada de talentos e expansões de patriotico favor. Falton que se affrontassem na primeira assembléa popular os evangelisadores da idéa nova e os convictos defensores da velha monarchia. A eloquencia verdadeira só pôde brotar do meio da agitação e da borrasca.

A oratoria parlamentar principia em 1834 o seu periodo florente, sobe na espontaneidade e na vehemencia durante as turbações civis na revolução de setembro : elêva-se á maior altura da sua gloria desde 1840 até ás luctas da espada ou da palavra com o governo da carta restaurada. Em 1851, a tribuna ainda faz vibrar as vózes eloquentes dos antigos paladinos, mas a excitação do parlamento não responde á temperatura da opinião. O

paiz está como que profundamente anesthesiado pelos primeiros vapores da locomotiva. O fomento é a preoccupação universal. Os oradores descâem e resfriam. A ultima centellia da oratoria verdadeiramente apaixonada é a oração de José Estevão na questão *Charles et Georges*. Desde então, apressa-se a largos passos a decadencia da tribuna. O *rostrum* já não é privilegio dos oradores, mas baldio commun de quantos têm a audacia de a levar á escala vista. Hoje ha ainda no parlamento bons engenhos, verbo facil e fluente, elocução correctá e vernacula algumas vezes, estylo florido e engalanado mais do que cumpre porventura ao genero deliberativo. Ainda algum ou outro orador, menos refractario ao saudavel preceito de Marco Tullio, ouza em assembléas portuguezas fallar o nativo dizer da sua gente. Mas rareiam hoje em nossa terra os filhos mimosos da eloquencia. Como nas demais nações meridionaes, são geralmente os nossos compatriotas tambem verbosos, loquazes, disertos, expeditos no discursar. Mas é mais do que isto a fecundia no orador. E demos que alguns haja felizes na invenção, na estrutura artistica do discurso, dialecticos no provar e retorquir, graves no pathetico, persuasivos no temperado, vehementes nas apostrophes, urbanos na ironia, decorosos no gracejo, rhythmicos no periodo, no estylo exemplares, e tersos na dicção. Ainda ali não está completo o orador. Cumpre que a acção esforce e vivifique a idéa e a palavra. A palavra e a idéa são como a invenção e o desenho num painel : a acção é, porém, o colorido, o tom, a luz, o claro-escuro. O discurso de per si é como as pinturas monochromaticas dos antigos — um contorno e uma só côr. Da acção depende que na téla da oração avultem e resaltem as figuras, e do simples recitador de phrases melodiosas e cadentes se difference o legitimo orador. Como de Marco Antonio referia Cicero, seja no artista da tribuna igual a preexcellencia na vóz e no meneio : que o gesto não só exprima o sentido dos vocabulos, mas seja congruente com a sentença do discurso : que igualmente se harmonisem com a sentença a postura e movimentos do orador.

LATINO CORLHO.

SONHO

Sonhei — nem sempre o sonho é cousa vã —
Que um vento me levava arrebatado,
Atravéz desse espaço constellado
Onde uma aurora eterna ri louçã...

As estrellas, que guardam a manhã,
Ao verem-me passar triste e calado,
Olhavam-me e diziam com cuidado :
Onde está, pobre amigo, a nossa irmã ?

Mas eu baixava os olhos, receioso
Que traíssem as grandes magnas minhas,
E passava furtivo e silencioso,

Nem ousava contar-lhes, ás estrellas,
Contar ás tuas puras irmansinhas
Quanto és falsa, meu bem, e indigna deas !

ANTHERO DE QUENTAL

* * *

EXTRAVAGANTE COSTUME DA
GENTE DE CHYPRE

A gente popular de todo este reino pela maior parte é captiva dos senhores das cidades, villas e aldeias, salvo aquelles que por alguma via têm privilegio para o não serem. E este captiveiro é coisa de muitos annos.

Um costume mui novo vi nesta cidade (*Nicosia*), que me poz em admiração ; o qual é, que indo eu um dia por uma rua, vi levar a enterrar á egreja um fidalgo mui principal, e iam com elle todos seus parentes e amigos, e deante os escravos e escravas, os quaes levavam pelas rédeas quatro ou cinco cavallos e dois machos, e todos cobertos de dó. Chegando junto ao alpendre da egreja, subitamente saíram della os clerigos com grandes troços de páu nas mãos, e começaram de dar nos escravos e escravas, trabalhando pelos prender. E, como prenderam um ou dois, os outros com os cavallos fugiram.

Fiquei eu admirado de ver um tão subito desatino, a meu parecer, e, depois da coisa quieta, perguntei a significação della. Disseram-me ser costume naquella terra, quando fallecia alguma pessoa nobre e rica, irem deante todos seus escravos e escravas, cavallos, mulas e toda outra cavalgada até á porta da egreja, como eu vira aquelles, e que saíndo os clerigos com seus páus nas mãos, os escravos ou escravas ou cavalgadas, que podiam tomar, eram seus, e os outros ficavam livres e fôrros.

FR. PANTALEÃO DE AVEIRO.

Veem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro semestre de 1905.

XADREZ

MORAL DO XADREZ

De Benjamin Franklin

(Conclusão).

6º—Quando ganhades uma partida, não deveis cantar victoria ou caçoar com o vencido, nem mostrar grande alegria.

Antes, procurae consolal-o e tornal-o menos descontente de si proprio, por todo o género de expressões polidas que possam empregar-se, sem faltar á verdade.

Dizei-lhe, por exemplo: — «Conheceis o jogo melhor do que eu; mas falta-vos um pouco de attenção.» Ou: — «Jogáes muito de pressa.» Ou então: — «Vós tinheis vantagem; mas, alguma coisa vos distrafu, o que me bastou para ganhar o jogo.»

7º—Quando assistimos a uma partida, vemos observar o maior silencio. Dar conselhos é egualmente offender a ambos os jogadores. Primeiro áquelle contra quem se deu o conselho, porque isso lhe póde causar a perda da partida; em segundo lugar, ao que o recebeu, pois, comquanto aprove o lance e o adopte, perde, comtudo, a satisfação que teria de achal-o por si mesmo.

Ainda depois de feito o lance, não deveis voltar, e mostrar que terieis jogado melhor, adoptando outro movimento; porque isto desagrada e póde occasionar incertezas e disputas sobre a verdadeira posição das peças em que tocastes. Qualquer conversa com os jogadores diminúe-lhes a attenção, e é, portanto, desagradavel. Não deveis fazer o minimo signal ou movimento a qualquer das partes, e si o fizerdes mostrareis que sois um espectador indigno.

Si quizerdes mostrar vosso talento e sciencia, fazei-o jogando, vós mesmo, quando se offerecer occasião, e não criticando, entremettendo-vos, ou dando conselhos em jogo alheio.

Finalmente, si a partida não fôr jogada com o rigor das leis, moderáe o desejo de ganhar ao adversario e contentáe-vos com obter victoria sobre vós mesmo. Não vos aproveiteis avidamente de todas as vantagens offerecidas pela inexperiencia ou falta de attenção do vosso contrario; antes, mostráe-lhe, cortezmente, o perigo a que se expõe, jogando uma peça, ou deixando-a sem defesa; dizei-lhe que, com tal movimento, ficará seu Rei em posição perigosa.

Por esta generosa civilidade, tão opposta ás fraudes que acima criticámos, talvez percaes a partida; mas, ganhareis por outro lado, o que vale muito mais — a estima do vosso adversario, o respeito, o affecto, assim como a approvação tacita e a benevolencia de todos os espectadores imparciaes.

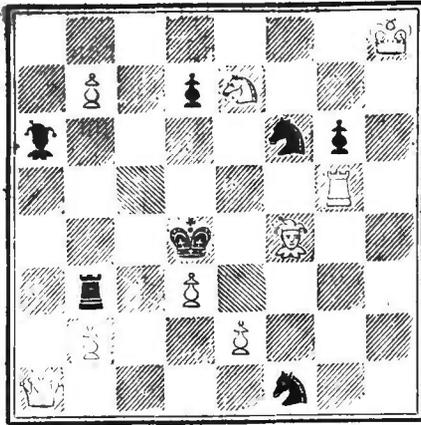
(1779)

(Trad. de MAURICIO LEVY, presidente do CLUB DE XADREZ de S. Paulo.)

PROBLEMA N. 30

H. L. Schuld

PRETAS (7)



BRANÇAS (9)

Male em dois lances

**

PARTIDA N. 31 (a)

GAMBITO EVANS

Branças (José Piza)	Pretas (Raul de Castro)
P 4 R — 1 —	P 4 R
C 3 B R — 2 —	C 3 B D
B 4 B D — 3 —	B 4 B D
P 4 C D — 4 —	B x P
P 3 B D — 5 —	B 3 D
Roque — 6 —	C 3 B R
P 3 D ? (b) — 7 —	B 2 R (c)
C 5 C R — 8 —	Roque
P 4 B R — 9 —	P 4 D
P R x P D — 10 —	C R x P
P x P — 11 —	B x C
B x B — 12 —	D x B
B x C (d) — 13 —	C x P
B 4 R — 14 —	P 4 B R
D 3 C x — 15 —	R 1 T
D 5 C (e) — 16 —	D 6 R x
R 1 T — 17 —	C 5 C R
D 4 C ? (f) — 18 —	mate em 4 lances.

(a) Publicamos em um dos numeros anteriores uma bella partida em que Raul de Castro bateu um forte adversario com o Gambito Evans. Agóra elle se defende do mesmo gambito e com uma variante pouco usada e pouco recommendada, qual a do 5º lance B 3 D. De facto, os inconvenientes desta defesa saltam aos olhos e uma ou outra victoria a que ella dê logar não nos convence da sua efficacia. Nesta partida o 7º lance das Brancas é fraco e foi que deu a supremacia ás Pretas. As notas que vão a seguir são de Raul de Castro.

(b) P 3 D ? O unico lance é P 4 D.

(c) Com este simples lance as Pretas teem uma posição bem segura e como teem um pião a mais, a victoria é segura.

(d) Todas estas trocas só favorecem ás Pretas que teem a vantagem de um pião.

(e) O jogo das Brancas é todo irregular e sem fim determinado.

(f) O lance correcto era D 2 C, mas a posição ficaria peor do que antes. As Brancas não viram o mate em 4 lances que as Pretas annunciaram: 18... C 7 B R (x); 19—R 1 C. C 6 T x. d.; 20—R 1 T, D 8 C x; 21—T x D, C 7 B R mate.

**

Tacito & Lipman — O seu problema será publicado no proximo numero, assim como duas ou tres partidas do torneio dali. Mandem-nos noticias.

**

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 29 (Hubert Frochazka): D 1 T D.

JOSÉ GETULIO.

RELIQUIAS

(A Domingos Olympio)

Beijando-as hoje, como quem se aparta
De um fillo — unico amor, de teura idade,
Vi seus olhos mais cheios de bondade
E achei mais carinhosa a sua carta.

Carta e retrato, remirando-os, disse:
— Reliquias santas, nada mais me resta
Desse amor palpitante de meiguice
Que o triste coração me punha em festa.

— Adeus, sagrado espolio! Não sei quando
Hei de ver-te de novo. Espolio lindo.
Que tantas vezes eu beijei sorrindo
E que beijo neste instante soluçando.

Voltarás? !... Interrogo e ficas mudo,
E estrenece-me o peito alanceado,
Porque nestè *enveloppe* me vae tudo:
Meu Futuro, meu Presente e meu Passado.

— Voltarás? E o meu grito sem conforto,
Si accorda a Natureza num gemido,
Não accorda o seu peito adormecido
Onde repouza um coração já morto.

— Voltarás? — Que me importa a tua volta,
Si contigo não volta o seu carinho:
O amor é ave, quando as azas solta,
Não torna mais ao primitivo ninho.

— Parti, papeis amados! Desconfio
Que ainda hei de vos ter de mim bem perto:
Num cofre niveo por cinzel aberto,
Na tampa do meu tumulto sobrio.

— Parti, reliquias santas! Mas, chorando,
Suplico-vos: — Parti, com brevidade,
Pois, do contrario, ficareis boiando
Nas lagrymas que choro de saudade.

1905.

BELEMIRO BRAGA.

A' BORDA DO MAR

Abra-se-me o coração em sanguinosas valvas,
Em núcar vivo; eu sinto a impressão da quietude,
Da serena altivez muda das rochas calvas
Batidas pelo mar e pelo vento rude.

Haja ao redor de mim lençoes de espumas alvas,
Força, violencia no ar, e nada se transmude.
No ambiente um aere odór selvico de malvas
E os mil fogos de sol, vermelho de saúde.

Mas nessa solidão, nessa terrivel calma,
A' flor d'agua azulada, — iugreme rocha abrupta,
Quero ver, quero ouvir, quero sentir ter alma,

Para claro entender o que o sonho me salva
Nessa lucta com o Mar, nessa estúpida lucta,
Porque és perola; amor, no coração, que é valva!

FRANCISCO LISBOA FILHO.

1905

